Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Rogério de Medeiros Francisco

O (des)controle do imaginário na obra intermidiática de Ricardo Lísias

Rio de Janeiro
2019

Rogério de Medeiros Francisco

O (des)controle do imaginário na obra intermidiática de Ricardo Lísias

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientadora: Profª. Dra. Maria Cristina Cardoso Ribas.

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

L769 Francisco, Rogério de Medeiros.
O (des)controle do imaginário na obra intermidiática de Ricardo Lísias / Rogério de Medeiros Francisco. – 2019.
72 f.: il.

Orientadora: Maria Cristina Cardoso Ribas.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Lísias, Ricardo, 1975- - Crítica e interpretação – Teses. 2. Lísias, Ricardo, 1975-. Delegado Tobias – Teses. 3. Ficção autobiográfica brasileira – Teses. 4. Intermidialidade – Teses. I. Ribas, Maria Cristina Cardoso. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Rogério de Medeiros Francisco

O (des)controle do imaginário na obra intermidiática de Ricardo Lísias

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 21 de outubro de 2019.

Banca Examinadora:

_____

Prof.ª Dra. Maria Cristina Cardoso Ribas (Orientadora)

Instituto de Letras - FFP – UERJ

_____

Prof.ª Dra. Andréa Rodrigues

Instituto de Letras - FFP – UERJ

_____

Prof. Dr. Fernando Monteiro de Barros Junior

Instituto de Letras - FFP – UERJ

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

À minha amada esposa, Fabiana, e ao meu maravilhoso filho, Francisco.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade do Estado do Rio de Janeiro onde fiz minha graduação e agora defendo meu mestrado pela oportunidade que só uma universidade pública e gratuita permitiria.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, na figura de seus professores, coordenação e funcionários.

À minha orientadora, Prof.ª. Dra. Maria Cristina Cardoso Ribas, ser humano maravilhoso que com paciência, conselhos e uma orientação generosa, sempre preocupada com o lado humano de seu aluno, foi a responsável por eu ter chegado ao final dessa etapa. Foi uma honra ser seu orientando.

Às Prof.ª. Dra. Andrea Rodrigues e Prof.ª. Dra. Tatiana Oliveira e ao Prof. Dr. Fernando Monteiro de Barros que aceitaram gentilmente o convite para participar das bancas de qualificação e defesa, por suas contribuições atentas, generosas e inteligentes para o texto final desta dissertação.

Aos professores Gustavo Bernardo, Carmem Lucia Negreiros, Amós Coelho e Flavio Carneiro pela oportunidade de cursar suas disciplinas e enriquecer esse caminho.

À professora Ana Chiara, por ter mostrado o caminho. Ao professor x' pela amizade.

À minha esposa Fabiana Bazilio Farias que me auxiliou nos momentos difíceis e ao meu filho Francisco que foi minha alegria em todos os momentos.

Aos meus pais, Robério e Di, por todo o apoio.

“Teoria do boato” é o título de um livro que ainda se não escreveu e que eu indico ao primeiro escritor em disponibilidade. O assunto vale a pena de alguma meditação.

Machado de Assis

RESUMO

FRANCISCO, Rogério de Medeiros. **O (des)controle do imaginário na obra intermidiática de Ricardo Lísias**. 2019. 72 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

A obra em exame, *Delegado Tobias*, consiste em uma série de *e-books* publicados entre setembro e outubro de 2014, em cinco partes. Espécie de "folhetim pós-moderno" como descreve o autor Ricardo Lísias, a série ganhou os noticiários quando o escritor foi intimado a comparecer à sede da Polícia Federal de São Paulo para esclarecer uma denúncia de falsificação e uso de documento público em sua obra. Articulando com as discussões em torno da autoficção e ainda considerando a constituição intermidiática da obra de Ricardo Lísias como processo de criação estético-político, esta dissertação busca discutir as transgressões dos limites entre as categorias da ficção, do real e do imaginário e os modos como o leitor acolhe os efeitos de sentido produzidos, enfim, como concebe e recria este universo literário intermidiático.

Palavras-chave: Autoficção. Intermidialidade. Ricardo Lísias. Delegado Tobias.

ABSTRACT

FRANCISCO, Rogério de Medeiros. **The (un)control of the imaginary in the intermidiatic work of Ricardo Lísias**. 2019. 72 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

The work in question - Delegado Tobias - consists of a series of *e-books* published between September and October 2014, in five parts. A sort of "post-modern Feuilleton" as described by author Ricardo Lísias, the series won the news when the writer was summoned to appear at the Federal Police headquarters in São Paulo to clarify a complaint of falsification and use of public document in his work. Articulating with the discussions about autofiction and still considering the intermiditic constitution of the work of Ricardo Lísias as a process of aesthetic-political creation, this dissertation seeks to discuss the transgressions of the boundaries between the categories of fiction, the real and the imaginary and the modes as the reader welcomes the effects of meaning produced, in the end, how he conceives and recreates this inter-media literary universe.

Keywords: Autofiction. Intermidiality. Ricardo Lísias. Delegado Tobias.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Foto do livro *Inquérito policial: Família Tobias* 16
Figura 2 - Simulacros de recortes de jornais 29
Figura 3 - Capas dos cinco volumes de Delegado Tobias.....33
Figura 4 - Ficha presente na capa de Inquérito Policial, Família Tobias 39
Figura 5 - E-mail enviado por João Tobias ao professor Vladimir Safatle 45
Figura 6 - Reprodução da última folha do Anexo 6.....47
Figura 7 - Carteira de Identidade de Fernando Alinde Tobias 50
Figura 8 - Reprodução do Diário Oficial do poder executivo do Estado de São Paulo 51
Figura 9 - Rascunho utilizando a imagem da primeira-dama.....53
Figura 10 - Página com carimbo de cancelamento de visto 54
Figura 11 - Imagem de divulgação da peça "Vou, com meu advogado, depor sobre Delegado Tobias" 56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10
1 **POR QUE RICARDO LÍSIAS?** 16
2 **AUTOFICÇÃO E NARRADOR AUTODIEGÉTICO** 22
3 **APÓS DELEGADO TOBIAS, O INQUÉRITO POLICIAL E A IDA COM O ADVOGADO DEPOR** 38
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 63
REFERÊNCIAS 66
ANEXO A – Imagem da obra *Delegado Tobias que gerou denúncia* 68
ANEXO B - Entrevista com Ricardo Lísias 69

INTRODUÇÃO

No final de 2015, período em que elaborei o projeto desta dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, as noções de *fake news* e pós-verdade ainda não haviam sido exaustivamente debatidas em comparação com os dias atuais. A proposta inicial do projeto era de estudar a produção literária de Ricardo Lísias sob a ótica dos efeitos causados pela ação dos boatos e como eles eram trabalhados em sua obra. As *fake news*, como passaram a ser chamados os boatos ou a pós-verdade, só ganhariam notoriedade durante as eleições americanas com o candidato a presidente Donald Trump. O candidato rebatia as acusações de que ele era favorecido pela ação de hackers russos que teria manipulado dados das eleições presidenciais com o argumento de que se tratavam de *fake news.* Ao mesmo tempo, durante a campanha, notícias falsas sobre a candidata adversária, Hillary Clinton, eram exaustivamente compartilhadas pelos eleitores de Donald Trump com o apoio de seus colaboradores.

No Brasil, o tema ganhou maior notoriedade durante o processo de *impeachment* da presidenta[1] Dilma Rousseff em 2016, atingindo seu auge durante as campanhas presidenciais no ano de 2018. Nesse período, a discussão sobre o impacto das *fake news* no resultado da eleição do primeiro e segundo turno alcançou o noticiário assim como questionamentos judiciais sobre a legitimidade do pleito diante da possibilidade de influência dessa propagação de notícias falsas sobre candidatos na decisão do eleitor.

Para dimensionar o gradativo crescimento e a atualidade do tema, podemos citar que a palavra “pós-verdade” foi considerada a palavra do ano pela *Oxford Dictionaries* departamento da Universidade de Oxford em 2016[2], que a define como sendo uma situação desenvolvida para modelar a opinião pública sobre determinado assunto com maior ênfase no apelo às emoções e às crenças pessoais do que aos fatos objetivos. Somam-se a esse fato as inúmeras publicações que tentam discutir,

---

[1] A escolha pela candidata eleita para o cargo de presidente do Brasil pelo uso nos documentos oficiais pela forma “presidenta”, embora pouco usual, não fere os princípios gramaticais da língua portuguesa. Seu uso serve como forma de realçar o fato de uma mulher pela primeira vez ocupar o cargo máximo da República. Adotamos aqui o termo em concordância com as razões apresentadas.

[2] Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford. Acesso em 31 mai. 2018.

a partir de uma perspectiva interdisciplinar, os efeitos da pós-verdade tanto para a política quanto para a sociedade de uma forma geral. Nos últimos três anos, foram publicadas diversas obras que abordam o tema como, por exemplo, *Era da pós-verdade: Ética e pós-verdade* (2017), de Christian Dunker, Cristovão Tezza, Julián Fuks, Marcia Tiburi e outros; *Desonestidade e enganação na vida contemporânea* (2018), de Ralph Keyes; *Perspectivas educacionais em tempos de pós-verdade* (2018), de Tatiane de Jesus Chates; *A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa?* (2019), de Lucia Santaella.

Contudo, esse não é um fenômeno exclusivo do século XXI; problematizações sobre o conceito de verdade podem ser vistas na obra de Hannah Arendt, como por exemplo em seu livro *Origens do Totalitarismo*, de 1951, em que afirmava:

> O súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento). (ARENDT, 2000, p. 526)

A atualidade do que é afirmado por Arendt destaca a importância dessa discussão não apenas no âmbito da política, mas também no campo da cultura. Hoje a propagação de boatos ocorre em grande escala, contando com uma estrutura industrial, potencializada pelos avanços tecnológicos. Esse cenário adquire uma perspectiva preocupante diante da ascensão de partidos de extrema direita em diversos países e do fortalecimento do nacionalismo e da xenofobia no cenário mundial.

Há, obviamente, um cenário político, social e cultural que faz com que a manipulação, o desprezo pelos fatos, o declínio da razão e da verdade se fortaleçam e alimentem a circulação pela internet, em suas redes sociais, de notícias falsas que assumem o espaço de informação primária de grande parte da população.

O contexto descrito acima reverbera também nas práticas científicas como pode ser comprovado na revisão histórica do Holocausto e da Ditadura militar brasileira, do movimento dos “terraplanistas” ou daqueles que negam as mudanças climáticas do planeta. As redes sociais, como dito anteriormente, irão ter um papel fundamental na propagação dessas teorias como pode ser visto atualmente em uma visita rápida às redes sociais como o *facebook, twitter, whatsapp* e *youtube*.

No contexto social contemporâneo, a internet passou a ter um papel fundamental em relação à circulação de informação e à exposição do usuário, assumindo um lugar de destaque – reiterando o alto grau de interferência frontal nos comportamentos e eventos sócio-políticos – que os jornais, o rádio e a televisão tiveram em outros períodos, em menor ou maior escala.

Pierre Lévy, filósofo francês que possui um dos estudos mais famosos sobre internet como fenômeno cultural, alertava, em 1999, quando lançou seu livro mais famoso, *Cibercultura,* sobre um "novo dilúvio". Segundo ele, esse dilúvio seria provocado pelos avanços das telecomunicações e, em especial, pelo surgimento e crescimento exponencial da internet. O conceito de cibercultura, segundo o autor, é fundamental para refletir sobre as formas como o conhecimento é adquirido e como as relações serão constituídas:

> O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

Considerando a importância que as redes sociais e a internet, de forma geral, irão ter na dinâmica das relações virtuais e não virtuais, o autor divide o crescimento do ciberespaço em três princípios, a saber: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. O princípio da interconexão está relacionado à capacidade dialógica desse espaço; a criação de comunidades virtuais relaciona-se à construção de espaços de interação nas redes a partir de afinidades e interesses comuns dos usuários; por fim, a inteligência coletiva refere-se ao conhecimento compartilhado. "É uma inteligência distribuída por toda parte, na qual todo o saber está na humanidade, já que, ninguém sabe tudo, porém todos sabem alguma coisa" (LÉVY, 2007, p. 212).

Outro teórico que trabalha essa dinâmica de relações midiáticas e que, de certa forma, expande o que já havia sido proposto por Pierre Lévy, é Henry Jenkins. O autor apresenta em seus estudos o conceito de convergência que, segundo ele, diz respeito:

> [...] ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento

> migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (JENKINS, 2008, p. 30)

Jenkins (2008) coloca em destaque a transformação digital que traz uma multiplicidade de processos na transmissão de conteúdo em vez de uma simples substituição dos meios midiáticos por novas tecnologias. Serão portanto os processos e não os meios os elementos mais importantes da convergência.

> A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana (JENKINS, 2008, p. 31).

Relacionando esses conceitos com o que se propõe discutir neste estudo, apesar da existência de uma “inteligência coletiva”, como coloca Levy, há uma preocupação com a confiabilidade dessas informações e os efeitos sobre a sua disseminação desenfreada na construção do conhecimento. Ou, como afirma Jenkins: “Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre a mídia que consumimos” (JENKINS, 2008, p. 31). A transmissão de informações falsas na rede produz um impacto muito grande na cultura, de forma geral.

A expressão *fake news* é utilizada nos dias atuais de forma recorrente nos espaços públicos e sua discussão não é exclusiva do meio acadêmico no Brasil. Sua inserção no imaginário ficou muito forte após os episódios relatados anteriormente referentes ao cenário político brasileiro dos últimos anos. Contudo, é importante reiterar que sua existência não é um evento atual, afinal sempre existiram mentiras veiculadas como verdades e vice-versa. Antes do advento das tecnologias do campo da informática e da popularização da internet, o boato cumpria o papel do que hoje entendemos como *fake news*. Há exemplos pitorescos de boatos bastante conhecidos como a afirmação de um plano do governo de assassinar aposentados por meio da vacina da gripe (o que fez com que muitos idosos se recusassem a

tomá-la)[3]; o boato de que a viagem à Lua em 1969 seria uma armação televisiva criada em estúdio ou de que o cantor Elvis Presley teria forjado própria morte[4]. Esses exemplos demonstram a capacidade com que uma "não verdade" pode permanecer no imaginário mesmo após décadas. O que diferencia esses boatos dos episódios relacionados às *fake news* é a sua velocidade de propagação possibilitada pelo espaço dinâmico da internet e suas redes sociais.

Esta breve contextualização sobre as *fake news,* o impacto do boato na cultura e as teorias referentes ao aumento progressivo da internet e das mídias na formação de opiniões servem para localizar nas discussões atuais as motivações iniciais que levaram à formulação do projeto de pesquisa que se realizou na atual dissertação de mestrado. A partir dos questionamentos suscitados pelo cenário descrito anteriormente e também pelo interesse em investigar como a literatura estaria refletindo essas questões, selecionamos o projeto literário *Delegado Tobias*, de Ricardo Lísias, para analisar os procedimentos empregados pelo autor e seus desdobramentos tendo como foco as relações intermidiáticas.

Delegado Tobias consiste em uma série de *e-books*[5] publicados entre setembro e outubro de 2014, em cinco partes. Espécie de "folhetim pós-moderno", como descreve o autor, a série ganhou os noticiários quando o escritor foi intimado a comparecer à sede da polícia Federal de São Paulo para prestar esclarecimentos a respeito de uma denúncia de falsificação de documento público em sua obra. Os desdobramentos desse episódio serão apropriados pelo autor na constituição de seu projeto literário.

Dessa forma, a partir da articulação das discussões em torno da autoficção, esta dissertação irá discutir as transgressões dos limites entre categorias de ficção, do real e do imaginário e os modos como leitor acolhe os efeitos de sentido produzidos, enfim, como concebe e recria este universo literário intermidiático. Será ainda considerada a constituição intermidiática da obra de Ricardo Lísias como processo de criação estético-político uma vez que essa mescla não só o intento em construir uma obra de arte mas também insere uma crítica aos posicionamentos

---

[3] O artigo "A percepção do idoso sobre a vacina contra influenza" confirma por meio de pesquisa os boatos em torno da vacina. Disponível em http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/107/89. Acesso em 03 jan. 2019.

[4] Sobre o assunto: https://www.thesun.co.uk/news/8284873/elvis-presley-alive-conspiracy-theory-body-double/. Acesso em 03 jan. 2019.

[5] Será utilizada a grafia *e-book* hifenizada e em itálico em consonância com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

políticos da elite artística/intelectual do Brasil referentes aos acontecimentos que não só afetavam ao país como a toda a América Latina.

1 **POR QUE RICARDO LÍSIAS?**

No campo literário, no ano de 2015, um episódio relacionado à manipulação de fatos e ficção teve grande destaque na mídia especializada quando o escritor paulistano Ricardo Lísias lançou seu *e-book Delegado Tobias* (LÍSIAS, 2014). Obra e autor foram objetos de um processo judicial com base em uma denúncia anônima por falsificação de documentos oficiais. Ricardo Lísias seria absolvido posteriormente e o episódio traria maior notoriedade para sua obra. Essa fama inusitada provocou alguns desdobramentos como, por exemplo, a expansão para um projeto literário que pode ser entendido como sequência direta de *Delegado Tobias.* Esse projeto levou à publicação do livro-objeto *Inquérito policial: Família Tobias* (2016) que narra o processo judicial no qual o autor precisou explicar a natureza ficcional de sua obra.

Figura 1 - Foto do livro *Inquérito policial: Família Tobias* (2016)

Fonte: Site Banca Tatuí. Disponível em: www.bancatatui.com.br.

Na obra, *Inquérito policial: Família Tobias*, é reafirmado o não cabimento da denúncia por se referir a um objeto ficcional:

> No segundo semestre de 2015 fui surpreendido pelo fato de que um grupo de jornalistas havia feito uma denúncia, por esse mesmo canal, acusando-me de falsificação de documentos públicos. Como ficou provado depois, as alegadas falsificações faziam parte de um *e-book* que eu estava escrevendo, com uma extensão na rede social Facebook. A denúncia me causou estranheza, pois não apenas era fácil notar o caráter ficcional do texto, como a publicação dos *e-books* estava em andamento e era de conhecimento público. (LÍSIAS, 2016, p. 3)

Embora o que seja afirmado nesse trecho busque aparentemente retirar quaisquer dúvidas sobre a natureza ficcional da obra, esse mesmo trecho está inserido em uma construção ficcional: um livro que emula o formato de um verdadeiro processo judicial.[6] O fato acaba retirando o peso de verdade da proposição de ficcionalidade da obra, a confusão que isso pode causar foi englobada ao projeto literário do autor, admitindo sem admitir, revelando com seu depoimento e contestando com sua escrita.

Além das obras literárias, Ricardo Lísias também desdobrou o episódio na criação de uma peça teatral, *Vou, com Meu Advogado, Depor sobre o Delegado Tobias* (2015) que encenava os eventos do depoimento prestado junto ao Ministério Público Federal. A publicidade que obra e autor ganharam após a divulgação desse processo é reafirmada em várias entrevistas. Ricardo Lísias, para citar um exemplo, declara, em 2016, que “As pessoas que fizeram a denúncia, com intenção de me causar problemas, acabaram produzindo um bem gigantesco para a literatura brasileira”[7]. E qual seria o “bem” que as questões suscitadas pelos boatos e alimentadas por peças publicitárias que reproduziam o tom de denúncia poderia agregar aos estudos literários?

As produções anteriores do autor nos possibilitam identificar a mistura de marcas de ficção com elementos autobiográficos na criação de um objeto estético. Durante à época do lançamento de *Divórcio* (LÍSIAS, 2013), o autor recebeu acusações da crítica (aqui entendida não como a crítica praticada por alguns jornais

---

[6] Em publicação no eu perfil pessoal no site de relacionamento *Instagram*, em setembro de 2019, o escritor Ricardo Lísias relata, em tom irônico, que uma foto do eu livro *Inquérito Policial* foi utilizada como ilustração de uma matéria de um site especializado em Direito que acreditou que a foto do livro era de um arquivo de inquérito policial real.

[7] Frase retirada da matéria sobre o autor disponível no site https://capitulodois.com/2016/04/25/ricardo-lisias-as-pessoas-que-fizeram-a-denuncia-com-intencao-de-me-causar-problemas-acabaram-produzindo-um-bem-gigantesco-para-a-literatura-brasileira/. Acesso em 30 out. 2018.

em seus cadernos de literatura e por alguns sites de interessados no tema e que por fim propagavam uma noção equivocada da obra) por essa característica de seu romance, sendo acusado, inclusive, de exposição da intimidade de terceiros. Desde então, Lísias tem travado um embate com seus críticos principalmente no que se refere a esse tópico entre os limites entre fato e ficção. Em entrevista ao jornal *Sul21*, publicada em 23 de agosto de 2014, podemos observar com maior clareza essa posição do autor:

> **Sul21: Em vários momentos da tua obra trabalhas com o narrador em primeira pessoa. Como trabalhas com os riscos de confundir o autor Ricardo Lísias com o personagem, às vezes também chamado Ricardo Lísias?**
> **Lísias:** O Ricardo Lísias é um personagem ficcional como qualquer outro. A primeira pessoa do singular ou o personagem Lísias não desficcionalizam o romance. O meu romance *Divórcio* foi tomado inicialmente pela boataria. Isso foi gerado por alguns contos anteriores que escrevi sobre o tema do divórcio. Pessoalmente, eu também vinha de um processo de divórcio traumático. Em São Paulo, houve a expectativa de que eu escreveria um livro sobre o meu divórcio, a fim de lavar roupa suja. A imprensa pensava isso. Mas o que veio foi um livro de ficção, não o que as pessoas esperavam. O grupo mais intelectualizado, a maioria, logo percebeu, mas outro grupo não aceitou que o livro não alimentasse a boataria. Então, incorreram em erros ginasiais de leitura. Um deles foi especialmente ridículo. Eu sou corredor, já corri inclusive a São Silvestre. E há um personagem que está se divorciando e que, para sobreviver, adota a corrida de rua. Muita gente achou que eu, por ser corredor, estava colocando minha experiência no personagem. Não era bem isso. O treinamento de três meses que o personagem fez para correr a São Silvestre – e que está explicitado no texto — era um completo absurdo, uma coisa que devia revelar a completa ignorância dele sobre o assunto. Era um desvario completo. Mas muitos desses leitores pensaram que aquilo era uma espécie de método para correr a São Silvestre. Um professor de Educação Física daria risada daquilo. Duas revistas de corrida, surpreendentemente, resenharam o livro. Elas não caíram no conto do treinamento. Os de literatura, sim. O treinamento dele é o de um cara transtornado. Este é um dos exemplos de erros causados pela falta de informação. Desficcionalizar pode gerar monstros. E o pior é que não adianta eu negar. Um grupo da imprensa segue afirmando que é autobiográfico. Eles querem que seja. Nada do que eu faça ou diga ou negue adianta.
>
> **Sul21: Aconteceu também com *O Céu dos Suicidas,* não?**
> **Lísias:** Tanto *Divórcio* quanto *O Céu dos Suicidas* têm pontos de partida em experiências pessoais e traumáticas. O problema é que isso não significa que o livro é de não-ficção. O *Céu dos Suicidas* parte do caso de um amigo muito próximo que cometeu suicídio. Porém, no meio do livro, o personagem Ricardo Lísias é sequestrado pelo Hamas. É claro que só pode ser invenção! *Divórcio* também é ficcional. Acho que esta desficcionalização tem o objetivo de despolitizar o livro, de aliviar as críticas que há no livro sobre o trabalho da imprensa. É um erro tornar tudo pessoal. Minha crítica não é generalizada, é a alguns setores da imprensa, é uma crítica específica. Por exemplo, ontem, li sobre o rapaz que ganhou esta medalha de matemática (Artur Ávila, ganhador da Medalha Fields). Fui tentar saber o que ele fazia, qual era seu trabalho na área. Pois entrevistaram o orientador de sua tese, mas nada do que ele fazia foi explicado. Era só pedir para um

> professor de matemática escrever 30 linhas explicativas… mas não foi feito isso. (SILVEIRA & RIBEIRO, 2014)

Embora o escritor reconheça as coincidências biográficas presentes em seu texto, ele recusa, ao mesmo tempo, uma leitura autobiográfica de sua obra. Em *Divórcio*, a proposta, segundo Ricardo Lísias, era debater a ética da imprensa no uso de fontes exclusivas e a forma como eram julgadas as obras em festivais culturais como o de *Cannes* por exemplo. Amarrando esses temas, havia ainda a busca por superação de um trauma causado pela infidelidade e consequente separação.

O personagem Ricardo (homônimo do autor), por meio de uma narrativa em primeira pessoa, descreve sua angústia que se manifesta de forma quase histérica: suas agressões verbais e depreciativas à ex-esposa, a dor física que é descrita inúmeras vezes na narrativa como sensação de estar sem pele e, em especial, o sentimento de distanciamento de si mesmo que o leva a questionar se ele próprio também não seria um objeto ficcional, como podemos observar na seleção de trechos da obra a seguir:

> Uma caminhada longa causa dor nas pernas, um peso nas coxas e o coração acelera. Estou vivo, portanto. Como meu corpo não tinha pele, eu passava o tempo inteiro conferindo meus ossos e os órgãos mais importantes. Respirar fundo não traz apenas fôlego: meu pulmão está aqui. (p. 48)
>
> Não consigo dormir, respondi. Também sinto falta de ar e, muitas vezes, taquicardia. Depois que li o diário, há um mês, devo ter dormido no máximo umas vinte e quatro horas. Resolvi não falar que às vezes tinha alucinações e achava que estava dentro de um texto meu. (p. 58)
>
> Talvez eu esteja imaginando a possibilidade da batalha interior para me reconfortar. Não sei se algum dia vou entender o que faz uma mulher de trinta e sete anos escrever um diário como esse e, ainda mais, deixá-lo para o marido com quem acabara de se casar. *Divórcio* é um romance sobre o trauma. (p. 78)
>
> Um ótimo crítico apontaria como um possível problema do meu romance *O céu dos suicidas*, em texto generosamente elogioso, a brusca variação da sensação de raiva para a de alegria. Mas é assim mesmo que acontece. Ele nunca viveu um trauma. Outra vez, comecei a achar que estava dentro de um livro meu. Será que escrevi essa merda toda e jamais conheci minha ex-mulher? Esse diário nunca existiu. No Google, porém, Lars von Trier continua persona non grata. (p. 97)

Contudo, houve uma leitura distinta dessa descrita pelo autor: enquanto que, para ele, existia uma transição clara dos elementos autobiográficos para os

ficcionais, uma parte do seu público acreditou tratar-se de um processo de difamação por parte de Lísias por apresentar afirmações que poderiam ser entendidas como ataques à reputação e à intimidade de personalidades expostas na obra, em especial a de sua ex-esposa. Também à época, em 2015, Lísias declarou em entrevista que surgiram boatos referentes a uma "proibição" do romance *Divórcio*:

> **No Facebook, você disse que o livro não foi proibido. Que história foi essa?**
> Até agora recebi nove pedidos para que eu explicasse o que estava sentindo com a proibição do meu livro. Quer dizer, isso é uma coisa absolutamente incrível, em primeiro lugar, porque meu livro nunca foi proibido, nem nunca sofreu nenhum tipo de questionamento judicial, de nenhuma ordem. Já é impressionante que as pessoas façam uma suposição dessas, e, depois, parece claro que, antes de as pessoas virem me procurar pra fazerem a pergunta do que sinto a respeito, elas deviam checar se o livro tinha mesmo sido proibido.[8]

Cria-se, a partir dessa recepção que recusa o caráter ficcional da obra, uma necessidade de explicação por parte do autor. Este precisa afirmar as motivações e o que seria a real natureza de sua obra, seja por meio de ensaios e artigos de sua autoria ou de entrevistas que, de uma forma ou de outra, acabaram gerando publicidade colateral. Somente após as críticas a *Divórcio* que Ricardo Lísias começa a debater a questão que envolve o limite entre o biográfico e o ficcional algo que seria profundamente explorado em seu próximo trabalho *Delegado Tobias*.

Delegado Tobias foi criado como folhetim eletrônico e tornou-se uma obra emblemática de Ricardo Lísias por debater de forma irônica e metalinguística a questão do caráter autoficcional que foi atribuído por uma parte da crítica especializada à sua produção literária. A obra possui uma construção bastante transgressora e rompe com os formatos tradicionais de romance. Além disso, tenta interagir de forma lúdica por meio de experimentações nas mídias sociais com seu público, influenciando a tessitura de seu texto e criando elementos que trariam maior divulgação para autor e obra.

Todas essas características descritas até aqui destacam a importância e atualidade da obra, do autor e da discussão. São por esses motivos que autor e obra foram escolhidos como *corpus* desta dissertação que busca debruçar-se sobre o

[8] Entrevista disponível em: http://www.cafecolombo.com.br/ideias/entrevista-ricardo-lisias-fala-sobre-o-polemico-romance-divorcio/

projeto literário *Delegado Tobias* e analisar suas transposições em outras mídias, resgatando, também, a longa discussão existente no campo da literatura sobre os limites entre ficção e realidade.

Para tanto, será preciso empreender uma investigação acerca dos elementos que compõem o projeto literário *Delegado Tobias* e que, por suas características intrínsecas e de suporte, fomentaram a hipótese (defendida pelo próprio autor em diversas entrevistas) de que uma parte dos espectadores desse evento (que não pode ser definido como apenas literário, mas também midiático) não teria compreendido a proposta ficcional do autor. A prova "material" dessa não compreensão foi a denúncia feita contra o escritor ao MPF acusando-o de falsificação de documentos.

A investigação do projeto literário de Ricardo Lísias a partir da obra *Delegado Tobias* aponta para a discussão de alguns conceitos fundamentais do campo dos estudos literários que são explorados pelo autor, são eles: *pacto autobiográfico*, *autoficção* e *intermidialidade.* Sem a compreensão desses conceitos e de como eles são apropriados/refutados pelo autor, a leitura da obra torna-se superficial. No próximo capítulo, iremos apresentar esses conceitos e dialogar com a obra em questão.

2 **AUTOFICÇÃO E NARRADOR AUTODIEGÉTICO**

As “escritas de si” na literatura são um gênero em constante construção, discussão e revisão nos estudos literários. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*, de Philippe Lejeune (2008), é uma obra fundamental que traz uma reflexão mais ordenada sobre esse campo de estudo realizado por um especialista que dedicou mais de 30 anos ao gênero da autobiografia.

Nesse estudo, o autor aponta que há alguns elementos fundamentais para a compreensão do conceito de autobiografia sendo eles a “forma da linguagem”, o “assunto tratado”, a “situação do autor” e a “posição do narrador”. O texto autobiográfico, segundo Lejeune, é apresentado em prosa, constituindo uma narrativa da vida ou da história individual de uma personalidade. Há também uma identidade entre autor e o narrador que narra os eventos a partir de uma perspectiva retrospectiva.

> [...] no pacto autobiográfico, como, aliás, em qualquer “contrato de leitura”, há uma simples proposta que só envolve o autor: o leitor fica livre para ler ou não e, sobretudo, para ler como quiser. Mas se decidir ler, deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar sua relação. Quando você lê uma autobiografia [...], você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você quem deve fazê-lo. De outro lado, ao se comprometer a dizer a verdade sobre si mesmo, o autor o obriga a pensar na hipótese de uma reciprocidade: você estaria pronto a fazer a mesma coisa? (LEJEUNE, 2008, p. 73-4)

A promessa de dizer “a verdade”, para Lejeune, é a base das relações sociais e o gênero autobiográfico procura assumir esta posição no discurso. Contudo, a própria noção de “verdade” na literatura é tema bastante controverso e discutido pela crítica literária. E essa controversa relação entre o fictício e o biográfico também aparecerá nas obras literárias criando um espaço outro, que possui características próximas à ficção, mas também presentes nas obras que tratam do biográfico. Essa aproximação é concretizada a partir da publicação em 1977 do romance *Fills*, de Serge Doubrovsky, que se estabeleceria como uma obra que ficava no limiar entre a autobiografia e a ficção. É nesse livro, na contracapa, que surge o neologismo “autoficção” que é assim explicado pelo autor:

> Autobiografia? Não. Esse é um privilégio reservado aos grandes desse mundo, no crepúsculo da vida, e num belo estilo. Ficção, de eventos e de

> fatos estritamente reais, por assim dizer, *autoficção,* por se haver confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora dos limites da sensatez/sabedoria [*sagesse*] e da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontros, fios/filiações [*fils*] de aliterações, assonâncias, dissonâncias, escrituras de pré ou pós-literatura, concreta, como se diz da música. Ou, então, autofricção. (DOUBROVSKY In NOGUEIRA, p. 6152)

A crítica Diana Klinger (2007), por exemplo, em seu texto *A escrita de si – o retorno do autor,* retoma o neologismo de Serge Doubrovsky para definir com maior profundidade esse lugar da autoficção:

> Segundo a hipótese que desenvolveremos, a autoficção se inscreve no coração do paradoxo deste final de século XX: entre o desejo narcisista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de exprimir uma "verdade" na escrita.
> Consideramos enriquecedor pensar o conceito de autoficção junto com o de performance, que como veremos, também implica uma desnaturalização do sujeito (KLINGER; 2007, p. 26).

Autoficção seria, portanto, o termo mais apropriado para tratar este tipo de literatura que implica "um questionamento das noções de verdade e de sujeito." (KLINGER, 2007, p. 47) e que traz diferentes formas de inter-relação autor/receptor em um período, atual, no qual o advento tecnológico possibilita, por meio de inúmeras ferramentas multimídias, manipular, editar e recriar a informação. A facilidade de acesso a essas ferramentas permite que essas narrativas que transitam entre real/documental e ficcional construam-se também por meio de paratextos, permitindo ao autor, na tessitura de sua obra, uma maior interação com um leitor/receptor que não só absorve como verdade o que lê, mas que também irá propagar informações e peças paratextuais muitas vezes ignorando ingenuamente a natureza ficcional desse objeto.

As características autoficcionais nas obras de Ricardo Lísias focam em como a dinâmica da autoficção é potencializada pela dinâmica do boato e da fofoca, o boato aqui entendido em seu sentido dicionarizado como: "disse me disse; notícia cuja fonte não é conhecida, geralmente sem fundamento, sendo publicamente divulgada"[9] e a fofoca como "bisbilhotice, mexerico. A fofoca consiste no ato de descobrir uma informação sobre alguém e posteriormente contar essa informação a uma ou várias pessoas"[10]. Embora o sentido dicionarizado de boato determine uma ausência de fonte, na obra de Ricardo Lísias teremos o próprio autor como principal

[9] Fonte: <https://www.dicio.com.br/boato/>. Acesso em 20 jan. 2019.
[10] Fonte: <https://www.significados.com.br/fofoca/>. Acesso em 20 jan. 2019.

fonte de (des)informação. E essa característica ocorre por elementos que podemos depreender da estrutura da narrativa, como é o caso do narrador da obra.

Segundo Gérard Genette, o narrador autodiegético seria “o herói de sua narrativa” (GENETTE, p. 244). Esse tipo de narrador seria o que melhor representa o tipo que o escritor Ricardo Lísias utiliza em grande parte de sua obra, talvez porque lhe permita um maior controle sobre as informações que ele deseja que sejam expostas. Esse narrador e o tipo de narrativa de Lísias permitem criar uma dinâmica que irá provocar uma postura ativa de interferência na percepção do leitor/receptor, um fenômeno assim descrito por Wolfgang Iser:

> Mas se um texto ficcional se dá a conhecer como tal, através de sinais do contrato vigente entre autor e leitor, mudará a atitude em relação ao que o texto apresenta. Quando isso não acontece, surgem erros do leitor, que a literatura várias vezes tematizou; por exemplo, quando Partridge, no Tom Jones, de Fielding, toma uma apresentação do Hamlet não como peça de teatro, mas como a própria realidade, em que, devido aos acontecimentos espantosos, acredita que deve intervir. O Próprio Shakespeare já fornecera no *Sonho de uma noite de verão* o paradigma disso, quando os operários-atores afirmam constantemente a seus espectadores que não precisam temer o leão, pois este não é real mas apenas representado por Sunug. A ilusão não corre por conta da ficcionalidade do texto, mas sim da ingenuidade de um modo de pensar que não é capaz de registrar os sinais do ficcional (ISER, p. 43)

Lísias irá se aproveitar dessa “ingenuidade” do leitor/receptor ou mesmo do seu desejo/interesse de encontrar naquela narrativa “verdades biográficas” para propositalmente deixar seu texto ambíguo, equilibrando-se, dessa forma, em uma linha muito tênue entre o autobiográfico e o ficcional. Podemos inferir que o autor trabalha com a polêmica e com esse interesse de certo público pela vida íntima de um escritor para construir uma relação de interferência com a obra que é atravessada pelo que se diz fora dela em entrevistas e depoimentos.

A ambiguidade citada será algo que o leitor comum não poderá de início decifrar ou distinguir com certeza. Esse procedimento constitui-se numa estratégia que terá como consequência um constante retorno ao autor para que maiores esclarecimentos sejam feitos. Esse retorno ocorrerá por meio de entrevistas em meios jornalísticos e midiáticos, ou como aconteceu no episódio referente ao livro *Delegado Tobias*, pelas vias judiciais.

Leonor Arfuch trata do termo “espaço biográfico” fazendo referência não só a um grupo de categorias que possuem em comum o biográfico como característica marcante, mas também a um grupo mais amplo que traz relatos relacionados a um

mesmo autor que dialogam e convergem percursos literários e/ou midiáticos como, por exemplo, entrevistas, blogs, depoimentos e, mais atualmente, as publicações nos perfis pessoais de redes sociais. Lísias, a partir da publicação de *Divórcio* e após o processo sofrido por falsificação, usará os meios midiáticos, suas futuras obras e entrevistas para esclarecer o caráter ficcional de sua obra. Contudo, à medida que expõe o que é ficcional irá indiretamente também expor o que há de biográfico naquilo que escreve. É preciso considerar que esse "esclarecimento" pode também ser interpretada como estratégia para que as fronteiras entre o ficcional e o biográfico fiquem mais borrados.

Em *O céu dos suicidas* (2012), o narrador Ricardo Lísias se revela como um homem que se encontra fora de seu eixo com episódios de agressividade para com diversas pessoas com que se relaciona, comportamento que tem início após a morte de seu melhor amigo, André. Lísias (narrador-personagem) procura lidar com a culpa por ter ignorado o estado de desespero que seu amigo estava e a angústia de não encontrar o conforto na certeza de que a alma de seu amigo estaria em paz. Paralelamente, ele revisita a história de sua família, levando a uma situação limite em que sua própria vida é posta em risco, motivado pela busca de informações sobre uma possível relação entre um parente seu e o Hamas[11].

Em *Divórcio* (2013), o personagem Ricardo Lísias é retratado como um homem que vive uma situação limite ao ler sobre uma traição no diário de sua (ex) mulher. O personagem Ricardo Lísias de *O céu dos suicidas* possui muitas características que o aproximam do Lísias de *Divórcio*, porém não nos é quantificado o quanto esses dois Lísias se aproximam do autor Ricardo Lísias Aidar Fermino.

Em ambos os trabalhos, há um narrador em primeira pessoa que se apresenta como Ricardo Lísias revelando suas emoções, reflexões e vivências, reforçando a todo momento um caráter autobiográfico e testemunhal a escrita. Com isso, estabelece-se uma relação entre o *eu* narrador e o *eu* personagem pela dualidade aproximação/distanciamento que, contudo, não se encontra muito explícita e exige do leitor maior atenção durante a leitura da obra.

Se em *O céu dos suicidas* o episódio do sequestro de Lísias pelo Hamas é claramente ficcional, em outros episódios o próprio narrador cria situações que não só expõe as dúvidas sobre a ficcionalidade do que é vivido pelo personagem como

[11] Hamas é considerado a maior organização islâmica nos territórios palestinos da atualidade. O grupo está relacionado ao conflito entre Israel e Palestina.

também transfere essa dúvida para o leitor, como podemos observar neste trecho de *Divórcio*:

> Só pode ser ficção. No meu último romance, *O céu dos suicidas*, o narrador enlouquece e sai andando. Agora, fiquei louco e estou vivendo minhas personagens.
> Acabo de achar a folha com as frases autobiográficas que redigi naquele dia. Um pouco abaixo do meio, depois do comentário sobre o enterro da minha avó, escrevi várias vezes com caneta vermelha:
> ACONTECEU NÃO É FICÇÃO. (LÍSIAS, 2013, p. 13)

O trecho acima corrobora a hipótese da criação de uma dualidade indissociável entre real e ficcional porque mostra um Lísias-narrador como autor do discurso e como verdadeira e única testemunha, contudo, deixa transparecer também que talvez o que narra não esteja claro nem para si mesmo. O narrador mostra-se inseguro dos fatos que narra e, portanto, cabe ao autor, como entidade separada do narrador e personagem Ricardo Lísias, e na condição de detentor do poder de determinar o que é factual do que é ficcional em sua obra, fazer maiores esclarecimentos.

Em *Delegado Tobias*, Lísias fará um movimento de ruptura com esse modelo e substituirá o narrador em primeira pessoa por simulacros de fragmentos de jornais, pedaços de diálogo e simulacros de e-mails trocados entre os personagens para transmitir sua narrativa em uma terceira pessoa narrada pelos eventos.

Com esse movimento que substitui o narrador autodiegético por uma colagem de eventos que aos poucos conduzem, ainda que formando uma estrutura sequencial rudimentar, a figura tríplice que Ricardo Lísias assumia (autor/narrador/Personagem) é substituída pela função autor/personagem, mesmo que seu personagem em *Delegado Tobias* se desdobre em uma função tripla: vítima/suspeito/autor.

Ainda em suas narrativas anteriores, *O céu dos suicidas* e *Divórcio*, o fio narrativo era constantemente entrecortado com digressões, recordações e diatribes direcionadas a diversos personagens que simulavam a perturbação emocional nos eventos pós-traumáticos que os diferentes Ricardo Lísias (personagens) estavam sofrendo. Ao remover o narrador autodiegético, Lísias cria um maior distanciamento entre autor e personagem já que antes existia um narrador que auxiliava a imersão do leitor na obra e na psiquê do personagem central. A ausência de um narrador é feita por meio de um recurso criativo já que Lísias inicia a obra já morto. Essa

estratégia possibilita uma receptividade diferente dos eventos tendo em vista que haverá um narrador como guia.

A construção da intermidialidade na narrativa de *Delegado Tobias*

A ausência de um narrador não foi o único elemento novo na obra, Ricardo Lísias também fez uso de intermidialidade em sua composição. A intermidialidade tem como conceito todos os tipos de inter-relação e interação entre mídias (CLÜVER, 2007). Essa noção é importante pois é preciso levar em conta a natureza multimidiática do projeto literário *Delegado Tobias*, um projeto que nasce de um *e-book* em cinco volumes, passa para uma representação teatral e é concluído com o livro-objeto *Inquérito policial: Família Tobias.* Este último pode ser considerado como um sexto e conclusivo volume, dessa vez em formato "tradicional" impresso. O tradicional aqui é utilizado no sentido de mídia física uma vez que o livro possui um layout similar ao de um processo judicial, configurando-se também como uma outra experiência de leitura já que o livro-objeto de ficção se apresenta fisicamente como um objeto documental.

Dentre as três "subcategorias" de intermidialidade, a de **referências intermidiáticas** é a que mais se destaca nos volumes do *e-book Delegado Tobias*. As **referências intermidiáticas** são assim definidas por Claus Clüver:

> Nesse caso se trata de textos de uma mídia só (que pode ser uma mídia plurimidiática), que citam ou evocam de maneiras muito variadas e pelos mais diversos motivos e objetivos, textos específicos ou qualidades genéricas de uma outra mídia. (CLÜVER, 2007).

Ricardo Lísias fará o uso de referências intermidiáticas ao criar simulacros de notícias de jornal, dotadas de todas as características que uma notícia de jornal poderia ter, emulando até a maneira como um fato é noticiado. Lísias criará também perfis falsos em redes sociais e com ajuda de amigos dará um rosto para o personagem delegado Tobias, que inclusive manifesta suas opiniões e interage com o público disfarçando com isso sua natureza ficcional. Lísias irá criar simulacros de e-mails para assim dar voz a um dos Ricardos Lísias, no caso, o Ricardo suspeito de ter cometido o crime. Ao criar um simulacro de uma decisão judicial e evocando as

“qualidade genéricas” dessa mídia, Ricardo Lísias (o escritor) será denunciado junto ao Ministério Público Federal por falsificação de um documento oficial. (Anexo A).

Uma vez estabelecidos em relação à obra os conceitos teóricos de autoficção, narrador autodiegético e intermidialidade, podemos agora iniciar a análise da escrita de Lísias nesse que é o principal objeto de estudo dessa dissertação: a obra *Delegado Tobias*.

O *Delegado Tobias* (2014) foi uma obra publicada em formato de *e-book* pela editora E*galaxias* em cinco volumes e descrito no site da editora como um “folhetim pós-moderno” ou, nas palavras do autor, um e-folhetim. Utilizando o alcance de interação das redes sociais na publicização do livro, o escritor questiona e problematiza os limites entre o que pode se considerar como real e o que há de ficcional dentro dos processos de produção de seu romance. A história narra o assassinato do escritor/personagem Ricardo Lísias e o principal suspeito do crime é o próprio Ricardo Lísias.

Em seu perfil no *facebook*, o escritor também constrói uma narrativa paralela feita a partir da subversão das formas de disseminação de boatos tão comuns na internet e redes sociais como o *facebook* ou *whatsapp*. Um dos exemplos de disseminação da polêmica/boato ou ficção/mentira são as já citadas discussões em seus *posts* feitas através de um falso perfil na rede social do personagem Paulo Tobias. O perfil, criado por Lísias com o propósito lúdico de mexer com a percepção de seus leitores, reclama da utilização sem autorização de sua imagem naquele espaço e da interferência de Lísias em sua investigação. Dessa forma, podemos inferir que, mesmo antes do lançamento do *e-book* e posteriormente, a narrativa de *Delegado Tobias* já estava sendo suplementada no Facebook. Essa suplementação era realizada pela já citada estratégia de boato com a publicação e circulação de imagens que simulam recortes reais de periódicos falseando as formas de “realidade” na produção de peças de publicidade para seus livros, espécies de *teasers para o livro* como vemos na Figura2:

Figura 2 – Simulacros de recortes de jornais

Fonte: Facebook do autor

O *e-book Delegado Tobias* inicia-se com o fragmento de um título de uma reportagem de jornal (a primeira imagem exposta acima), seguido de um fragmento de notícia que estabelece que, após atender a chamada dos funcionários de um apart-hotel de São Paulo, a polícia encontra o corpo do escritor Ricardo Lísias com um tiro na cabeça.

Nesse mesmo fragmento, é exposto que delegado Paulo Tobias estará à frente das investigações do caso e que a hipótese de suicídio está afastada. Novas notícias dão seguimento ao processo investigativo relatando a prisão de um homem não relacionado ao caso e o recolhimento de provas na residência de Ricardo Lísias. Em seu notebook, são encontrados indícios de uma troca de e-mails e uma possível chantagem. Até esse ponto, a narrativa segue o modelo de um romance policial que consiste em apresentar um crime (o assassinato de Ricardo Lísias), o início de um processo investigativo, a figura de um investigador (o delegado Paulo Tobias) e a apresentação de um suspeito. Após isso, há um rompimento dessa estrutura com o surgimento de uma evidência que questiona o nexo do que é narrado, um e-mail enviado pelo endereço rlisias@uol.com.br com o assunto "estilo", (em letras minúsculas), para o endereço rlisias@yahoo.com.br:

> estilo
> rlisias@uol.com.br
> Hoje em 9:54 PM
> Para: rlisias@yahoo.com.br
> ocultar cc
> CCO
>
> É mas voçê só saiu ganhhando. E agora quem está copiando o meu estilo é você. Ninbguém é inocente nessa história. O autor vai continuar sendo você, mas eu quero os direitos. Quero tudo, swenão eu vou contar que eu que escrevi.

As palavras digitadas com erro são intencionais para refletir uma escrita nervosa de alguém descontrolado. Os endereços de e-mail apresentados possuem o mesmo utilizador, *rlisias*, diferindo apenas no domínio, *uol* para o emissor e *yahoo* para o receptor. Por se tratar do mesmo utilizador em e-mails de domínios diferentes a natureza desse e-mail indiretamente nos remete ao trecho de *Divórcio* previamente apresentado: "Agora, fiquei louco e estou vivendo minhas personagens…." (LÍSIAS, 2013).

Deste ponto em diante, Lísias, sem ter cometido suicídio, será suspeito de matar a si mesmo. Será estabelecida a existência de um duplo, homônimo à vítima Ricardo Lísias. As testemunhas, pessoas que conviveram com o verdadeiro Ricardo Lísias, irão encontrar características do escritor tanto na vítima quanto no suspeito.

Uma pista é deixada para nós para que possamos entender que este não se trata de um romance policial na forma de um depoimento sem autor definido: "− Só a ideia de que Ricardo Lísias pudesse escrever um texto policial já mostra como vocês

são despreparados” (Lísias, 2014). Outra pista é apresentada ao final do primeiro volume: em um momento de tumulto em que algumas pessoas são detidas, um jornalista vai à delegacia explicar que o conflito é desnecessário, pois tudo não passaria de autoficção. Ainda assim, essa afirmativa não pode ser considerada sem questionamentos já que faltam elementos característicos de uma autoficção como, por exemplo, o narrador autodiegético. Essas pistas são propositalmente colocadas para o leitor, para que ele possa entender que o que se encontra diante de si não é um romance policial e que esse gênero não faz parte da escrita do autor. Procura também convencer de que não há motivo para revolta ou confusão por essa “realidade” apresentada se tratar na verdade de uma ficção. Para Lísias, não há ficcionalização da realidade já que considera isso como algo impossível dada a natureza contraditória desses termos.

Dando continuidade à narrativa, o jornalista Manuel da Costa Pinto, pessoa real que autorizou uso de seu nome, declara que o ocorrido não passaria de autoficção e, por tal afirmação, é detido juntamente com Ricardo Lísias (o suspeito de ter assassinado seu homônimo). A partir desse ponto, o argumento de que se trata de uma autoficção será utilizado para contestar tanto a existência do crime, quanto a própria existência do delegado Tobias encarregado do caso, por esse não ser nada além de mais um personagem nessa autoficção. Um convite feito ao delegado Tobias para uma conferência em Princeton é respondido por Lísias em e-mail:

> Para
> Pedro Meira Monteiro
> Hoje 9:52 AM
>
> Porra, Pedro, então você agora vai me dizer que também não sabe o que é uma personagem?! Eu inventei o delegado, eu escrevi todos os textos do delegado, eu criei as histórias do delegado, eu fiz o delegado sair de licença e agora quem vai fazer uma conferência em Princeton é o delegado e não eu?
> Onde é que você está com a cabeça? A vida acadêmica não está te fazendo bem, meu amigo.
>
> Um abraço. (LÍSIAS, 2014)

Esse e-mail será respondido pelo delegado Tobias que confrontará o autor por essa intromissão, dando início a uma troca de correspondências (e-mails simulacros) em que Ricardo Lísias (o personagem autor) irá ameaçar o delegado de

finalizar o *e-book* e dar fim ao seu personagem. Instaura-se dentro da própria obra um debate que não tem por objetivo separar o que seria real e o que seria ficcional, uma característica própria da autoficção.

A estrutura de *Delegado Tobias*

A estrutura de *Delegado Tobias* como e-folhetim guarda algumas peculiaridades. Em sua primeira parte, está a maioria do conteúdo textual da obra que foi publicada semanalmente. O quarto volume de *Delegado Tobias* com o subtítulo “Caso Lísias é realidade” parece encerrar de forma arbitrária a discussão sobre a ficcionalidade da obra. O quarto volume é composto por 11 páginas inteiramente em branco e somente as páginas referentes às informações sobre ao autor e aos créditos se encontram escritas. Há apenas o título do capítulo e um aviso que pede aos seus leitores que antes de informar erro de conteúdo à *Amazon*, baixem grátis o quinto volume de *Delegado Tobias.* Na parte 5, com o subtítulo de “Os documentos do inquérito”, há a reunião de publicações das redes sociais com um texto breve sobre o processo de construção da narrativa da obra.

Figura 3 – Capas dos cinco volumes de *Delegado Tobias*

Fonte: site *Amazon*

A narrativa de *Delegado Tobias* é feita por diálogos descontextualizados, recortes de matérias de jornais e inclusive a presença de erros gramaticais e de digitação. A narrativa tenta performar o ambiente virtual com superposições de imagens, matérias e notícias de fontes duvidosas, documentos que prometem

atestar legitimidade sobre mentiras e mesmo a pressa de quem não tem nem mesmo a preocupação de ler as notícias ou conferir sua autenticidade.

Em seu rol de personagens, temos pessoas reais e ficcionais dialogando a respeito da polêmica sobre o que constituiria a obra *Delegado Tobias*. A acusação tentando desvendar um crime cuja natureza beira o surreal e a defesa alegando que tudo não passaria de uma autoficção como forma de simplificar e encerrar a discussão. O resultado para o leitor é um folhetim fragmentado e irônico em relação à sua própria forma. Exemplo dessa ironia pode ser visto em uma das peças de publicidade/literária em que o autor afirma: "Lojas avisam: não há defeito no *e-book* 'Delegado Tobias'. É aquilo lá mesmo".

Neste ambiente, dominado por sobreposições que não almejam só o status ficcional, mas a própria ruptura dos pressupostos ficcionais, aproximando-se do "falso" ou da "mentira", surge o episódio que irá dar outra dimensão à obra. Refiro-me à polêmica em torno da intimação recebida pelo escritor Ricardo Lísias para comparecer à sede da Polícia Federal para prestar esclarecimentos sobre uma suposta falsificação e uso de documento público na referida obra.

O documento alvo da denúncia era uma documentação fictícia, criada por meio virtual que emulava uma decisão judicial na qual afirmava que o personagem delegado Paulo Tobias era autor de uma ação de obrigação de fazer em que os réus eram o escritor Ricardo Lísias e a editora E-galáxia. O documento[12] alvo da denúncia emula todas as características de uma decisão judicial, incluindo os signos oficiais como papel timbrado do poder judiciário de São Paulo. A denúncia por falsificação de documento oficial passa a ser investigada pelo Ministério Público, que dando seguimento à denúncia, intima o autor para prestar depoimentos.

A denúncia foi feita de forma anônima via *Facebook* e nela foram anexadas páginas do *e-book*. O episódio levou a uma nova publicização da obra e do escritor. O processo foi arquivado em abril de 2016, mas ainda gera desdobramentos sobre como as fronteiras entre fictício e o "real" foram borradas em meio a um grande espetáculo. No pedido de arquivamento, o procurador Márcio Schusterschitz da Silva Araújo diz que "Não se deve confundir falsificação com ficção [...] Também não se pode exigir que o meio escrito, o livro, não possa extrapolar seu papel com o uso

[12] O documento pode ser visto nos anexo desta dissertação.

de recursos diversos, sejam quais forem”[13]. O boato disseminado em rede como experimento ficcional provoca como resultado uma consequência na esfera criminal e de controle do Estado e amplia a discussão inicial proposta pelo autor sobre as categorias da autoficção, experimentalismo, forma e recepção do leitor.

O boato como recurso

Pensando sobretudo nas estratégias de disseminação de boatos que o autor utilizou na publicização de sua obra *Delegado Tobias*, iremos dialogar também com o conceito na literatura. Machado de Assis já problematizou a questão em sua crônica:

> “Teoria do boato” é o título de um livro que ainda se não escreveu e que eu indico ao primeiro escritor em disponibilidade. O assunto vale a pena de alguma meditação.
> É que o boato – não me refiro ao boato das simples notícias que envolvem caráter público e interesse comum – é uma das mais cômodas invenções humanas, porque encerra todas as vantagens da maledicência, sem os inconvenientes da responsabilidade.
> A verdade tem uma telegrafia mantida pelo Estado.
> O boato é a telegrafia da mentira. Algumas vezes esta acerta e aquela mente, mas é por exceção. (ASSIS, 1864)

Kapferer (1993), em seu livro *Boatos: O mais antigo mídia do mundo,* afirma que existem duas formas enunciativas que “determinam a linguagem do boato”. Uma delas é a presença do verbo acompanhado da partícula [se] que irá indeterminar o sujeito fazendo com que a autoria do boato seja o coletivo e não um sujeito, por oposição, determinado. A ideia de que o autor é a coletividade faz com que o ouvinte fique inclinado a aceitar aquela afirmação como verdade já que há um desejo imanente de pertencer ao coletivo. Acreditar é “ser parte”.

A outra forma enunciativa é definida como a presunção de uma fonte bem informada (no caso o próprio autor) que por meio de sua narrativa legitimaria a interpretação de veracidade da informação e isentaria o ouvinte de confirmar os fatos contados. Dessa maneira, o boato adquire confiabilidade e torna-se compartilhável mesmo que não se confirme a veracidade desta fonte “bem informada”.

---

[13] Disponível em < https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/69-mercado-editorial/1579-n%C3%A3o-se-deve-confundir-falsifica%C3%A7%C3%A3o-com-fic%C3%A7%C3%A3o.html> Acesso em 20 jan. 2019.

Se por um lado *Delegado* Tobias possui inúmeras características que o diferenciam de boa parte da produção anterior de Ricardo Lísias, por outro, ele possui algumas unidades temáticas com o restante de sua produção como, por exemplo: o autoquestionamento por parte de sua personagem a respeito de sua natureza real ou ficcional.

Nos livros anteriores é o personagem Lísias que assume esses questionamentos com a eliminação do narrador autodiegético, mas, em *Delegado Tobias*, Lísias passa a utilizar outros recursos como os simulacros de e-mails que se revelam como criações do autor e, portanto, portadores de sua voz no texto para guia/iludir o leitor no entendimento da obra.

A obra utiliza-se da intermidialidade por meio das referências intermidiáticas empregadas na construção dessas peças literárias simulando recortes de jornal, e-mails (entre personalidades reais do mundo acadêmico literário e editorial e os personagens fictícios da obra) e nos simulacros de documentos jurídicos. Outro exemplo é a utilização das mídias sociais para enfatizar uma manifestação física de personagens ficcionais (como a foto do delegado Tobias na livraria cultura). Esse recurso é responsável por um estranhamento, dada a natureza confusa e paradoxal de algumas peças criadas; dessa forma, o receptor/leitor, assim como os personagens da obra, se mostrará (em tese) incapaz de discernir realidade do aspecto estético e ficcional propostos pelo autor.

Nos livros anteriores, é o personagem Lísias que assume esses questionamentos com a eliminação do narrador autodiegético, mas, em *Delegado Tobias,* Lísias passa a utilizar outros recursos como, por exemplo, os simulacros de e-mails que se revelam como criações do autor e portanto portadores de sua voz no texto para guiar/iludir o leitor no entendimento da obra. Em *O céu de suicidas* e *Divórcio,* Lísias deixa pistas dos elementos ficcionais, mas já em *Delegado Tobias* tudo é realizado de maneira mais efusiva evocando a todo instante a natureza autoficcional desse *e-folhetim*. Mais do que um objeto estético estaria Ricardo Lísias rebatendo os críticos a sua escrita?

Corroborando algumas das leituras já empreendidas a respeito da obra de Ricardo Lísias sobre a mesma se situar nesse lugar de confluência para as

identidades do autor, personagem e narrador[14], podemos dizer que o escritor é hoje representativo de uma discussão mais contemporânea do conceito de autoficção, mas também da incorporação de novas mídias e tecnologias na própria obra e como suplementação.

[14] Algumas das leituras críticas que confirma essa visão são: “Um corpo no prato: da performance autoral ao canibalismo literário em *Divórcio,* de Ricardo Lísias”, de Willian Vieira, “Como falar a verdade? A ética em *Divórcio*, de Ricardo Lísias”, de Pedro Eira Monteiro.

3 APÓS DELEGADO TOBIAS, O INQUÉRITO POLICIAL E A IDA COM O ADVOGADO DEPOR

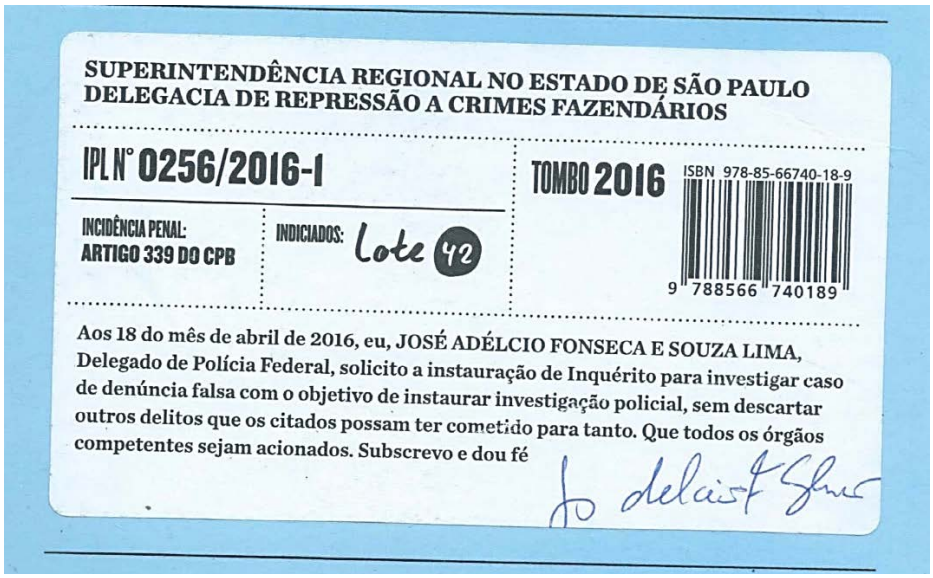
Inquérito policial Família Tobias (2016) é uma obra realizada por Ricardo Lísias a convite da editora Lote 42, o livro se assemelha a um volume de processo judicial e sua narrativa é contada com o andamento do processo por meio de depoimentos e decisões judiciais.

Sendo o passo seguinte no projeto literário de Ricardo Lísias, *Inquérito policial* é um suplemento[15] que não pode ser caracterizado como uma sequência direta de *Delegado Tobias*, mas sim como um desdobramento do arquivamento do processo contra Lísias por falsificação de documentos oficiais do Estado.

Desenvolvido para ser um simulacro de um processo judicial, *Inquérito policial Família Tobias* se inicia com a formalização do pedido do autor, Ricardo Lísias, para que o Ministério Público de São Paulo forneça os nomes dos denunciantes do processo por falsificação. O delegado responsável pelo caso, José Adélcio Fonseca e Souza Lima, suspeita que crimes foram cometidos com conhecimento e cumplicidade do autor Ricardo Lísias, uma vez que o desarquivamento revela que os denunciantes são sócios da Editora 42. Essa informação surge no formato de uma sinopse do livro que é apresentada na etiqueta de identificação do processo que e encontra na capa do livro:

[15] O suplemento, portanto, não está precisamente nem dentro nem fora, não se configura como ausência ou presença; configura-se fundamental àquilo que suplementa, mas aponta para um acréscimo que pode ser retirado. A noção desfaz o nexo solidário e hierarquizante entre as obras em processo de mistura e mixagem e, em decorrência, desconstrói a ideia de necessária complementaridade em prol de um sentido totalmente acabado, perfeito. (RIBAS, 2018, p. 234)

Figura 4 – Ficha presente na capa de *Inquérito Policial, Família Tobias*


SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO
DELEGACIA DE REPRESSÃO A CRIMES FAZENDÁRIOS

IPL N° 0256/2016-1

TOMBO 2016

ISBN 978-85-66740-18-9

9 788566 740189

INCIDÊNCIA PENAL:
ARTIGO 339 DO CPB

INDICIADOS: Lote 42

Aos 18 do mês de abril de 2016, eu, JOSÉ ADÉLCIO FONSECA E SOUZA LIMA, Delegado de Polícia Federal, solicito a instauração de Inquérito para investigar caso de denúncia falsa com o objetivo de instaurar investigação policial, sem descartar outros delitos que os citados possam ter cometido para tanto. Que todos os órgãos competentes sejam acionados. Subscrevo e dou fé

Fonte: reprodução nossa.

O segundo momento da narrativa ocorre quando o delegado responsável pelo caso faz as oitivas dos sócios da editora lote 42 que foram os responsáveis pela denúncia contra o autor. A construção e o desenvolvimento da trama são feitos por meio do levantamento de provas, como documentos, e-mails e transcrições de diálogos entre os envolvidos. A parte final do inquérito e também da narrativa se dá com a decisão judicial pelo arquivamento do processo.

Para suprir essa necessidade de interpretação, analisaremos mais detalhadamente cada uma dessas partes de forma a mapear a narrativa de *Inquérito policial Família Tobias*, assim como observar os aspectos narrativos e estruturais que dialogam com as outras obras do **projeto literário Delegado Tobias**.

Estrutura

Contando com 116 páginas o livro inicia-se por uma portaria com data de 18 de Abril de 2016 na qual o delegado José Adélcio Fonseca e Souza Lima instaura um inquérito com vistas a investigar possível ocorrência de delitos cometidos por Cecilia Arbolave, João Cezar Varella e Thiago Blumenthal, então sócios da editora Lote 42. Segundo a investigação, eles teriam se aproveitado de expedientes da Policia Federal e da Justiça Brasileira para publicar e alavancar as vendas de um

livro a ser escrito por Ricardo Lísias. Para auxiliar o nosso registro referencial, segue tabela descritiva da estrutura do livro *Inquérito Policial Família Tobias:*

Estrutura da obra *Inquérito Policial Família Tobias*		
Parte	**Páginas**	**Descrição**
I	p. 1-8	Portaria, denúncia, despacho e "Termo de declarações de João Cezar Varella";
Anexo 1	p. 9	Página do expediente do livro e ficha catalográfica;
Anexo 2	p. 11-13	Diálogo de *WhatsApp* entre sócios da editora Lote 42;
Anexo 3	p. 15-16	Print de notícia sobre editora Lote 42;
Anexo 4	p. 17	E-mail de Thiago Blumenthal para Ricardo Lísias;
II	p. 19-20	Termo de declarações de Ricardo Lísias;
Anexo 5	p. 21-22	Árvore genealógica da família Tobias, a partir de pesquisa de Ricardo Lísias;
Anexo 6	p. 23-56	Correspondência, rascunho de projeto de mestrado de João Tobias e notícias do período a partir de pesquisa de Ricardo Lísias;
Anexo 7	p. 57-92	Rascunho de projeto artístico e correspondência de Fernando Tobias;
Anexo 8	p. 93-112	Correspondência, rascunho de projeto de mestrado e obras de Mariana Tobias;
III	p. 113	Relatório;
IV	p. 115	Denúncia.

Ao contrário de um livro tradicional no qual acompanhamos o desenvolvimento da narrativa seguindo sequencialmente as páginas do volume com capítulos estruturados, em *Inquérito Policial* é preciso analisar as datas do andamento processual para traçar a cronologia dos eventos e o fio narrativo da obra.

Assim, o fio narrativo/temporal se apresenta da seguinte forma: após a portaria que inicia o livro datada de 18 de abril de 2016, segue notícia de fato com data de 04 de abril de 2016 em que o autor notifica o Ministério Público Federal contra os sócios da Lote 42. Em 10 de abril de 2016, um despacho pede que a autoridade policial julgue pertinente a oitiva de pelo menos um dos sócios da Lote 42. Em 20 de abril de 2016, na Superintendência Regional de São Paulo, João Cezar Varella é inquirido sobre sua participação na denúncia contra Ricardo Lísias.

Aqui haverá um rompimento com o grau de seriedade construído nas primeiras páginas do livro e entraremos no universo ficcional do autor com personagens autoconscientes de sua ficcionalidade, marca já presente na obra

anterior, *Delegado Tobias*. Esse rompimento é necessário para pontuar a ficcionalidade da obra por meio do recurso da metalinguagem, como podemos observar no trecho abaixo:

> [...] QUE inquirido sobre o que estava tentando dizer, propôs um raciocínio lógico: Ricardo Lísias, em 2014, inventou a proibição do Delegado Tobias, e com isso acabou causando a confusão ora nomeada como 1 (qual seja: algumas pessoas acharam a proibição verdadeira), do que surgiu a confusão 2 (qual seja: um assessor de imprensa, alguns jornalistas e um advogado, um tanto precipitados, por assim dizer, fizeram uma denúncia de falsificação de documentos sem notar que se tratava de obra literária), o que acarretou a confusão 3 (qual seja: a abertura de um inquérito na Polícia Federal para investigar uma obra literária de Ricardo Lísias), o que por fim conduziu à confusão 4 (que é justamente a nova incompreensão de que a abertura do sigilo dos denunciantes é o ponto em que Ricardo Lísias decidiu continuar sua nova criação), chegando Portanto à confusão 5, igual à 2: falta de discernimento entre uma coisa e outra, quais coisas sejam: ficção e realidade e de novo intimação para oitiva por causa de uma obra literária (esteja claro que a mesma que o leitor tem em mãos); [...] (LÍSIAS, 2016, p. 8)

Uma vez estabelecido o caráter ficcional da obra é anexado ao processo a ficha catalográfica de *Inquérito policial Família Tobias*, bem como diálogo transcrito do *WhatsApp*, entre os, agora definidos na obra, como personagens Cecilia Arbolave, João Cezar Varella e Thiago Blumenthal. Esses tramam uma conspiração para não só auxiliar o autor Ricardo Lísias que se encontrava em crise criativa, como também alavancar as vendas do livro que ainda seria escrito.

No mesmo dia, 20 de abril de 2016, o autor Ricardo Lísias também presta depoimento e é confrontado a respeito das alegações do personagem João Cezar Varella sobre o caráter ficcional da obra. O autor confirma esse caráter e, como evidências de sua escrita, são anexadas ao processo uma árvore genealógica da família Tobias e as produções de Ricardo Lísias referentes aos três sobrinhos do delegado Tobias: João Tobias, Fernando Tobias e Mariana Tobias. Cada um do anexos traz uma narrativa isolada a respeito de desses sobrinho. Narrativas contadas por meio de troca de e-mails, recibos, documentos e recorte de notícias.

Em 28 de outubro de 2016, o relatório do delegado José Adélcio Fonseca e Souza e Lima em resposta a denúncia do autor Ricardo Lísias, isenta os sócios da Lote 42 e faz várias ressalvas a respeito do caráter doentio de Lísias. Por fim, pede pelo arquivamento do processo pontuando que seja feito apenas no universo da ficção, concluindo, dessa forma, a obra *Inquérito policial Família Tobias*.

Inquérito Policial Família Tobias x Delegado Tobias

Embora *Inquérito policial Família Tobias* mantenha uma afinidade temática com *Delegado Tobias*, estruturalmente são obras com grandes diferenças, principalmente no que se refere ao formato e à sua estrutura. Em *Delegado Tobias*, a estrutura da narrativa é construída por meio da natureza episódica dos volumes do *e-book* que convidavam o leitor a acompanhar o caso assumido pelo delegado Paulo Tobias. Ele é incumbido de desvendar o assassinato do autor Ricardo Lísias e de lidar com as especulações feitas pela imprensa com a revelação de que o principal suspeito era outro homem que não só se apresentava como Ricardo Lísias, como também era reconhecido pelas testemunhas como o verdadeiro Ricardo Lísias.

Já *Inquérito policial Família Tobias* é apresentado em mídia física e nele encontraremos uma narrativa principal baseada nos desdobramentos do pedido de remoção de sigilo dos denunciantes de Ricardo Lísias, nas suspeitas levantadas pelo delegado responsável pelo caso e nas oitivas dos envolvidos.

Anexadas ao Inquérito, que constitui o corpo da obra *Inquérito policial Família Tobias*, se encontram mais três narrativas a respeito de três membros da família Tobias. Histórias fechadas que não partilham relação com a narrativa principal do inquérito, sendo apenas mencionadas como trabalhos desenvolvidos pelo escritor no período entre 2010 e 2015.

Essas três narrativas contam histórias isoladas, mas que mantêm uma relação de “parentesco” entre si, ou seja, os acontecimentos e personagens principais dessa narrativa têm sua existência e relevância apenas no universo dessas mesmas narrativas.

A conexão entre elas se encontra na relação de parentesco entre esses três personagens e o personagem delegado Paulo Tobias (como demonstrada na árvore genealógica da família Anexo 5, p. 21-22 de nosso quadro). Tal qual a obra *Delegado Tobias*, as narrativas serão feitas por meio de simulacros de correspondências digitais, recortes de jornal e de documentos oficiais. Ao observar esses fragmentos e rastros de existência deixados por esses personagens, o leitor poderá montar o fio narrativo de cada uma dessas histórias.

Anexo 6: João Tobias

A primeira dessas histórias se encontra no Anexo 6 de *Inquérito Policial Família Tobias*, ou folhas 23 a 56 de nosso quadro exposto na parte referente à estrutura da obra. A narrativa começa com uma correspondência enviada em 30 de setembro de 2010 por João Tobias a Rafael Correa, presidente da República Bolivariana do Equador. Nessa correspondência ao chefe de Estado do Equador e em tom estranhamente informal, João Tobias declara apoio ao presidente[16] e se apresenta como recém formado em sociologia pela USP, apaixonado por cine-documentários e manifesta seu desejo de produzir uma série a respeito do que vem acontecendo na América do Sul.

> Excelentíssimo Senhor Rafael Correa, Presidente da República Bolivariana do Equador:
> Sei que o senhor (nem é essa minha intenção) não vai provavelmente ler essa carta, por isso inclusive resolvi escrever em português. Agradeço a sua compreensão. [...]Como eu estava dizendo, não me importo que o senhor não vai ler essa carta, provavelmente. Imagino que nesse momento muitas outras pessoas estejam tentando apoiar o senhor, e essa é a melhor forma que tenho para fazer isso, ao menos agora.[...] Espero que o senhor se saia bem dessa, até porque planejo entrevistar cada um dos presidentes que se autodenominam socialistas bolivarianos. (LÍSIAS, p. 23-24)

A escrita do texto é incompatível com o grau de formalidade exigido ao se dirigir a um chefe de estado, levantando suspeitas em relação ao estado mental do personagem, o que se evidenciará em outros pontos da narrativa. Após essa correspondência, é apresentado um resumo do projeto de mestrado de João Tobias no qual manifesta seu interesse de produzir um documentário a respeito da ascensão dos governos bolivarianos na América Latina com entrevistas aos presidentes desses países. As palavras-chave de seu projeto são: *novas esquerdas bolivarianas*; *novo documentário brasileiro*; *entrevistas com presidentes*; *somos ou não latino-americanos?*.

Esse resumo de projeto de mestrado é também escrito em tom de informalidade como pode ser visto no trecho: “[...] Reagindo a filmes no estilo *Tropa de elite*, até para mostrar que no Brasil não é apenas isso que se faz [...]” (LÍSIAS, 2016, p. 25). Seria pouco usual a aprovação desse projeto uma vez que a área do

[16] No dia 30 de setembro de 2010, data da carta, foi iniciada uma série de movimentos e protestos no Equador que o presidente Rafael Correa acusaria de ser uma tentativa de golpe de Estado.

programa pós-graduação ao qual o submeteu é de filosofia (informação que será revelada em correspondência futura).

Dando seguimento, é apresentado um recorte de um pronunciamento oficial sem data definida sobre a situação do presidente do Paraguai, Fernando Lugo. O recorte que aparece nessa parte da obra, apresenta o clima de instabilidade dentro de outro governo esquerdista na América Latina em 2010, o Paraguai. A situação política paraguaia é agravada com a internação do presidente[17] e, com isso, os opositores pedem por seu afastamento. A situação de instabilidade perduraria até o impeachment do presidente Lugo em 2012.

Dando sequência ao e-mail anterior a respeito do projeto de mestrado em cinema de João Tobias e de sua subsequente recusa pelo professor Vladimir, temos uma nova correspondência de 1 de Outubro de 2010, entre João e o professor. Nesse e-mail, João discorre sobre a viabilidade de seu projeto, com argumentos que fazem pouco sentido como, por exemplo, o fato de que ele em breve terá à disposição, por meio da agência de publicidade de seu pai, uma filmadora para iniciar suas entrevistas com os presidentes latino-americanos.

> [...] O fato que eu não sou formado em filosofia não me impede de conhecer filosofia, por exemplo como muitos dos grandes cineastas da história do cinema, que foram pessoas cultas. Fiz muitos cursos e também sempre vejo o senhor falando de outros assuntos que não são filosofia. [...] Quanto aos meus problemas com a língua portuguesa, não parecem tão grandes. A demais, sou um cineasta (mesmo que jovem e formada em sociologia). Minha obrigação é filmar. Ainda assim posso revisar tudo ou ver se alguém na agência do meu pai não pode fazer isso. [...] Não terei problemas , ao contrário do que o senhor disse, com o aparato técnico. Meu pai tem uma agência de publicidade e é sócio de uma produtora. Sei por exemplo que eles vão comprar logo uma filmadora Sony HVR-HD1000, que eu poderei pegá-la emprestado. (LÍSIAS, p. 27-28)

João Tobias envia telegrama em solidariedade ao presidente Rafael Correa, em 1 de outubro de 2010, portanto, apenas um dia após ter enviado correspondência por Sedex internacional.

Sucede-se nova correspondência entre João Tobias e o prof. dr. Vladimir Safatle, datada de 02 de outubro de 2010, na qual Tobias, em tom agressivo, manifesta descontentamento pela recusa do professor ao seu projeto e vangloria-se de ter conseguido uma entrevista com Fernando Lugo por intermédio de seu tio (Paulo Tobias de *Delegado Tobias*) que conhecia os seguranças responsáveis pelo

[17] Fernando Lugo em 10 de agosto de 2010 é internado em São Paulo para tratamento de um câncer linfático.

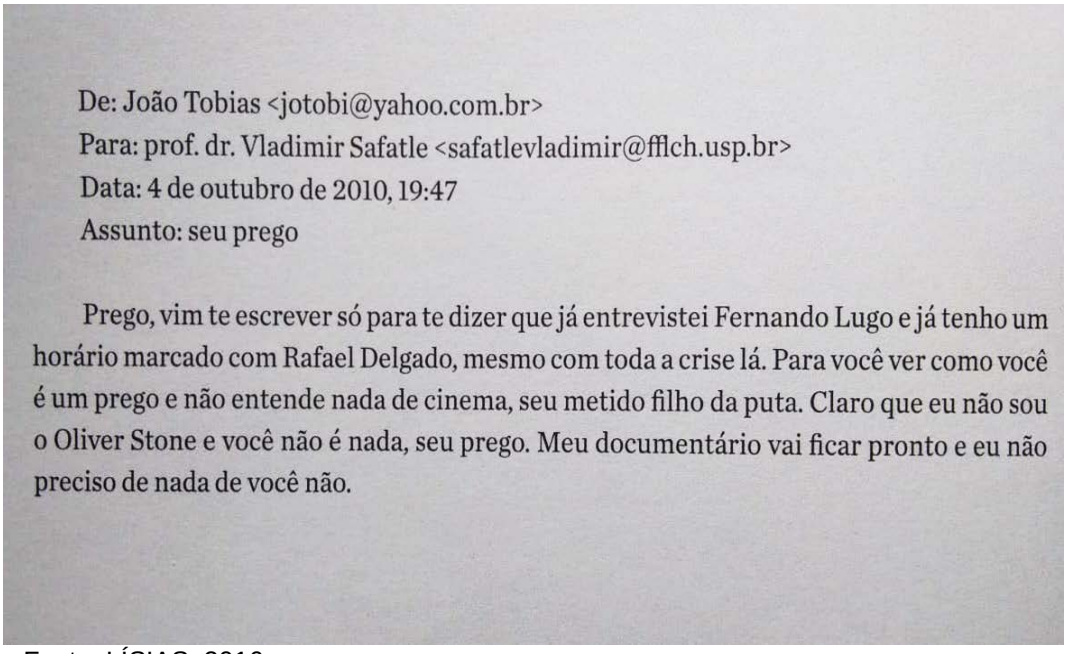
presidente. A correspondência termina com insultos ao professor Vladimir. Segue-se a isso uma reprodução de nota fiscal da FNAC datada em 02 de outubro de 2010, em que consta a aquisição de uma filmadora pela Agência Latino Americana de Propaganda Responsável LTDA.

Outro e-mail enviado por José Sotto a João Tobias é apresentado com a data de 04 de outubro de 2010 e acompanhado de sua tradução. Nesse e-mail, José Sotto afirma que a possibilidade de João Tobias conseguir entrevistar o presidente Rafael Correa levaria algum tempo e dependeria da organização do Ministério e da Embaixada com possibilidade real de que ela ocorresse no próximo ano.

Segue nova correspondência com data de 04 de outubro de 2010, cujo assunto é: "*Seu prego*", contendo novos insultos ao prof. dr. Vladimir Safatle. Nessa correspondência, João Tobias se vangloria de ter conseguido entrevistar Fernando Lusgo e de ter conseguido marcar uma entrevista com Rafael Correa, embora não tenham sido apresentadas provas que comprovem essa afirmação.

Após essa correspondência, segue um bilhete eletrônico de recibo de itinerário de passageiro em nome de João Tobias com destino a Quito com a data de 05 de outubro de 2010.

Figura 5 – E-mail enviado por João Tobias ao professor Vladimir Safatle



De: João Tobias <jotobi@yahoo.com.br>
Para: prof. dr. Vladimir Safatle <safatlevladimir@fflch.usp.br>
Data: 4 de outubro de 2010, 19:47
Assunto: seu prego

Prego, vim te escrever só para te dizer que já entrevistei Fernando Lugo e já tenho um horário marcado com Rafael Delgado, mesmo com toda a crise lá. Para você ver como você é um prego e não entende nada de cinema, seu metido filho da puta. Claro que eu não sou o Oliver Stone e você não é nada, seu prego. Meu documentário vai ficar pronto e eu não preciso de nada de você não.

Fonte: LÍSIAS, 2016.

Em novo email de João Tobias a José Sotto, com data de 06 de outubro, João Tobias comunica que mesmo sem um horário marcado veio a Quito com a

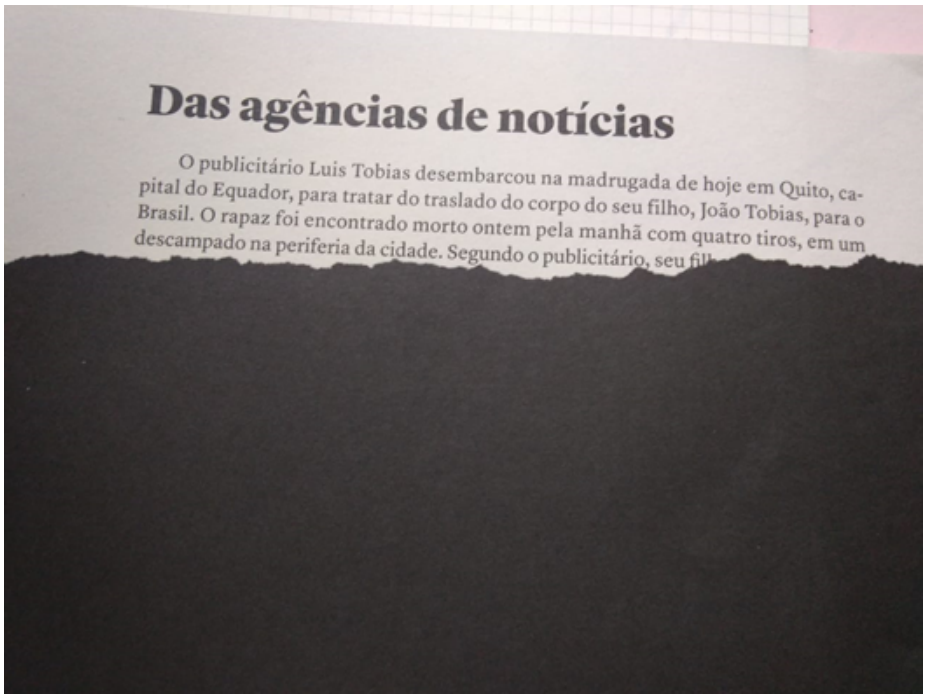
finalidade de fazer pesquisa e conseguir a entrevista com o presidente Correa. O motivo da comunicação foi para que José Sotto intervisse na liberação da filmadora e do laptop que foram apreendidos pela polícia local [18] e que, se possível, comunicasse o ocorrido ao embaixador e ao presidente Correa. João também diz que, caso seja necessário, José Sotto poderia entrar em contato com o tio de João, Paulo Tobias, que era delegado em São Paulo.

Paulo Tobias em 07 de outubro de 2010 envia e-mail a Roberto Emerenciano da Glória Furtado da polícia federal, para solicitar o auxílio de algum adido no Equador, pois acredita que seu sobrinho estava metido em alguma confusão no país.

Temos então uma carta oficial de José Sotto acompanhada por tradução, com data de 08 de outubro de 2010, destinada a Luís Tobias, na qual ele lamenta o ocorrido e garante que todas as medidas estão sendo tomadas. A narrativa termina com a revelação em uma página rasgada da agência de notícias de que o publicitário Luís Tobias havia desembarcado em Quito para cuidar do translado do corpo de seu filho, João Tobias, que havia sido encontrado morto a tiros na noite anterior em um descampado na periferia da cidade.

[18] Os policiais foram os responsáveis pelo período de instabilidade que o governo de Rafael Correa sofria por não concordar com as reformas propostas pelo presidente.

Figura 6 - Reprodução da última folha do Anexo 6



Das agências de notícias

O publicitário Luis Tobias desembarcou na madrugada de hoje em Quito, capital do Equador, para tratar do traslado do corpo do seu filho, João Tobias, para o Brasil. O rapaz foi encontrado morto ontem pela manhã com quatro tiros, em um descampado na periferia da cidade. Segundo o publicitário, seu fil

Fonte: LÍSIAS, 2016.

Ao analisarmos a cronologia dos fatos, podemos observar que toda a narrativa ocorre em um espaço de uma semana e que, gradativamente, o personagem João Tobias desenvolve um quadro de inquietação e instabilidade mental.

É interessante também destacar que Lísias (o escritor) utiliza os recibos, documentos e notícias de jornal, entrecortando com correspondências entre os personagens, para pontuar as atitudes de João Tobias e criar uma estrutura de “verificação por provas” própria de um inquérito. Contudo, a história apresentada provoca certo estranhamento uma vez que já se inicia na submissão do projeto de mestrado com a proposta de entrevistar e produzir um documentário a um curso de pós-graduação em Filosofia e não em um curso de cinema, história ou jornalismo, por exemplo, onde talvez tal proposta pudesse ser aceita. Isso é apresentado após a carta inicial em que o personagem solicita autorização ao presidente do Equador para realizar documentário com entrevistas aos presidentes bolivarianos.

Outro exemplo desse recurso de “comprovação” se dá quando é apresentada nota fiscal da compra de uma filmadora e um comprovante de passagem para Quito. Ao intercalar esses documentos com os fragmentos de narrativa das

correspondências, podemos conferir a obsessão do personagem com a ideia de realizar o documentário e sua inquietação e imediatismo. Essa característica de apresentar uma informação que contraria ou levanta suspeitas sobre a motivação ou quaisquer argumentos apresentados pelos personagens, já estava presente em *Delegado Tobias*, funcionando como elemento de quebra da narrativa para ressaltar o absurdo do que estava sendo narrado.

Em *Inquérito policial Família Tobias* há um refinamento dessa técnica porque essas interrupções não quebram o ritmo da narrativa. Elas surgem, em particular na narrativa sobre João Tobias, como ilustração do imediatismo do personagem para que o leitor possa inferir sobre suas atitudes e seu estado mental. Outro aspecto interessante utilizado por Lísias, também presente em *Delegado Tobias*, é o de utilizar personalidades reais interagindo com seus personagens ficcionais. Em *Delegado Tobias,* essas personalidades "reais", tais como a professora e crítica literária Leyla Perrone-Moisés e o jornalista Manuel da Costa Pinto, davam depoimentos ao delegado Paulo Tobias a respeito do autor-personagem Ricardo Lísias e de sua escrita para auxiliar o delegado a identificar se o verdadeiro Ricardo Lísias era o que estava detido como suspeito ou o que estava morto.

Em *Inquérito Policial,* personagens reais como Rafael Correa (presidente do Equador), Fernando Lusgo (presidente do Paraguai) e o prof. dr. Vladimir Safatle (professor titular da cadeira de Teoria das Ciências Humanas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) não possuem papel ativo na narrativa, pois a interação se dá unilateralmente por João Tobias. O personagem reconhece que Rafael Correa provavelmente não lerá sua carta e por isso nem se dará ao trabalho de escrevê-la em espanhol. Ou quando João Tobias menciona que realizou entrevista com Fernando Lusgo, mas nenhuma evidência de que isso realmente ocorreu é anexada ao texto. O mesmo procedimento acontece quando, nas três correspondências ao prof. Vladimir, não é apresentada nenhuma réplica ou tréplica do professor às afirmações e insultos de João Tobias. Esse recurso acaba por levantar a hipótese de que o personagem João Tobias possa estar falando sozinho.

Anexo 7: Fernando Tobias

A segunda narrativa se encontra no Anexo 7 de *Inquérito policial*, ou folhas 57-92 de nosso quadro. Ela é apresentada em forma de projeto artístico cujo título é "Caixa bolivariana 'Un Paredon'" e, em sua capa, além do nome do artista Fernando Tobias, há uma etiqueta da Tate Modern com a marcação de que foi adquirida em 15 de maio de 2011 e arquivada em 20 de junho de 2011. Ao final da capa, há uma dedicatória: *"I dedicate this work to João Tobias"*.

Fernando Tobias tem como objetivo, em seu projeto artístico, criar um diálogo fictício entre cartas dos pais de Juliard Aires Fernandes (20 anos) e Hermínio Cardoso dos Santos (24 anos). Juliard e Hermínio eram dois jovens de Minas Gerais que tentavam emigrar para os Estados Unidos e que, em 2010, tiveram seus documentos encontrados juntos aos corpos de 72 imigrantes executados por narcotraficantes na fronteira do México. A tragédia ficou conhecida como massacre de San Fernando.

Nessa narrativa, Fernando Tobias, por meio de suas anotações para seu projeto artístico, divide-se entre o tema que escolheu e a situação desconfortável que se estabeleceu entre ele e o zelador de seu prédio: "A 'pasta' (pensar no nome) será um diálogo entre cartas, imagens (sobretudo fotos e mapas) e alguns outros documentos" (2016, p. 58) / "O zelador ficou bravo e disse que a esposa não é analfabeta. Comprar um panetone para ele" (2016, p. 59).

Fernando Tobias irá ficcionalizar um passado para os jovens e busca emular nas cartas o português usado pelos pais dos jovens que, em sua visão preconceituosa, só poderia ser precário. Sendo assim, ele pede à esposa do zelador de seu prédio que escreva as cartas por achar que ela teria esse mesmo nível de português que ele imagina para os pais dos jovens assassinados.

Porém, com a confusão que se estabelece com o zelador, Fernando Tobias fica disposto a procurar um gramático para conseguir dar seguimento ao seu projeto. Ao mesmo tempo que insensivelmente busca ficcionalizar a tragédia desses jovens mineiros, Fernando Tobias escreve em seus apontamentos e recados para si mesmo um lembrete para que não confunda a tragédia desses jovens com a de seu irmão.

Assim a narrativa sobre Fernando Tobias se dividirá entre a construção de sua visão artística e a extrema preocupação com o português que será empregado

na obra. Além disso, podemos observar sua visão sobre as políticas governamentais como, por exemplo, o bolsa família, bem como seus preconceitos aflorados pela relação conflituosa que mantém com o zelador do condomínio.

Ao longo da narrativa, Fernando demonstra uma dependência/admiração cada vez maior pelo linguista que contratou como consultor de seu projeto. Ao mesmo tempo manifesta seu desprezo/aversão por pessoas que ele julga pouco instruídas. A narrativa termina sem a conclusão do projeto, Fernando Tobias apenas se deixa levar por suas elucubrações a respeito da construção dos personagens que ele ficcionalizava para o seu projeto. Na última página dos documentos anexados, há uma carta manuscrita dirigida à sindica do condomínio com uma queixa formal sobre o zelador.

Lísias irá retomar o personagem Fernando Tobias no ano de 2018 em um post no seu perfil pessoal no *Instagram*, cuja legenda é: “Convido os amigos a seguir o Instagram do Fernando Tobias (@fernandoalindeobias) Ele é artista plástico – sobrinho do Delegado Tobias – e vai começar uma ação amanhã. Hoje estamos fazendo uma ‘prevenção jurídica’, por assim dizer, na falta de melhor vocabulário. Creio estar portanto absolutamente claro não se tratar de trabalho anônimo.” Neste post uma única fotografia:

Figura 7 – Carteira de Identidade de Fernando Alinde Tobias

Fonte: Instagram de Ricardo Lísias

Fernando Tobias nessa reprodução de carteira de identidade aparece como heterônimo, por que será assim que Ricardo Lísias irá apresentá-lo como autor do livro *Diário da cadeia Eduardo Cunha pseudônimo* a obra que se seguiu a *Inquérito policial.* Tendo inclusive inscrito o livro para o prêmio São Paulo com Fernando

Alinde Tobias (heterônimo) como autor, mas teve sua inscrição inabilitada, como demonstra o Diário Oficial do poder executivo do Estado de São Paulo seção 1 (terça-feira de 21 de agosto de 2018).

Figura 8 – reprodução do Diário Oficial do poder executivo do Estado de São Paulo

Nesse diapasão, os recursos interpostos e transcorridos os prazos estabelecidos no Item VII do Edital, fica assim definida, na tabela 3, abaixo, a relação de candidatos INABILITADOS para a etapa de que trata do Item VIII, do Edital:

Tabela 3

Nº DE ORDEM	AUTOR	TÍTULO	EDITORA
27	Urariano Mota de Santana	Mais longa duração da juventude, A	LiteraRUA
75	Fernando Alinde Tobias (Ricardo Lisias Aidar Fermino)	Diário da cadeia	Record
76	Alexandre de Andrade Mascarenhas	Sombra do barco, A	Chiado
91	Maura Nidia Palumbo	Auschwitz: prisioneiro (sobrevivente) 186650	Duna Dueto

Fonte: Diário Oficial Poder Executivo (21-08-2018) - Seção I São Paulo, 128 (155)

Anexo 8: Mariana Tobias

A terceira narrativa compreende o anexo 8 de *Inquérito* policial ou as páginas 93-112 de nosso quadro. Essa narrativa apresenta trocas de e-mails entre Mariana Tobias e Hazel Clark, professora do departamento de Moda da Parsons School, os e-mails estão escritos em inglês e são seguidos no anexo 8 de sua tradução por tradutor juramentado.

Mariana Tobias em 25 de novembro de 2013 envia junto ao e-mail material para admissão no programa de mestrado do departamento de Moda da Parsons School. O material é composto por carta de apresentação e carta de interesses acadêmicos.

Na carta, Mariana Tobias se apresenta como membro de uma família totalmente artística. A carta demonstra um domínio mediano do inglês com trocas de palavras por falsos cognatos como por exemplo *intend* por *pretend* (pretender por fingir) e isso estará presente na tradução da carta com o tradutor pontuando esses

deslizes com um [sic]. Há também o uso de linguagem informal *“ I will literally give my blood in this course, thus I candidate myself and by all this narration I think I am prepared to the Parson’s course”* (Eu vou literalmente dar meu sangue nesse curso, assim eu me candidato e, com toda essa narração, creio estar preparada para o curso na Parsons) (LÍSIAS, 2016, p. 97).

A carta de interesse acadêmico é também escrita com falhas no idioma e demonstra pouca clareza por parte da autora em relação ao seu projeto, além disso há uma citação descontextualizada de Roland Barthes no texto. Segundo Mariana, ela pretende desenvolver sua visão artística que mescla história e pele*: “De acordo com Barthes, meu trabalho terá a criatividade para unir história e pele mas não [sic] chamativo como a alta costura convencional”*.(LÍSIAS, 2016, p. 98).

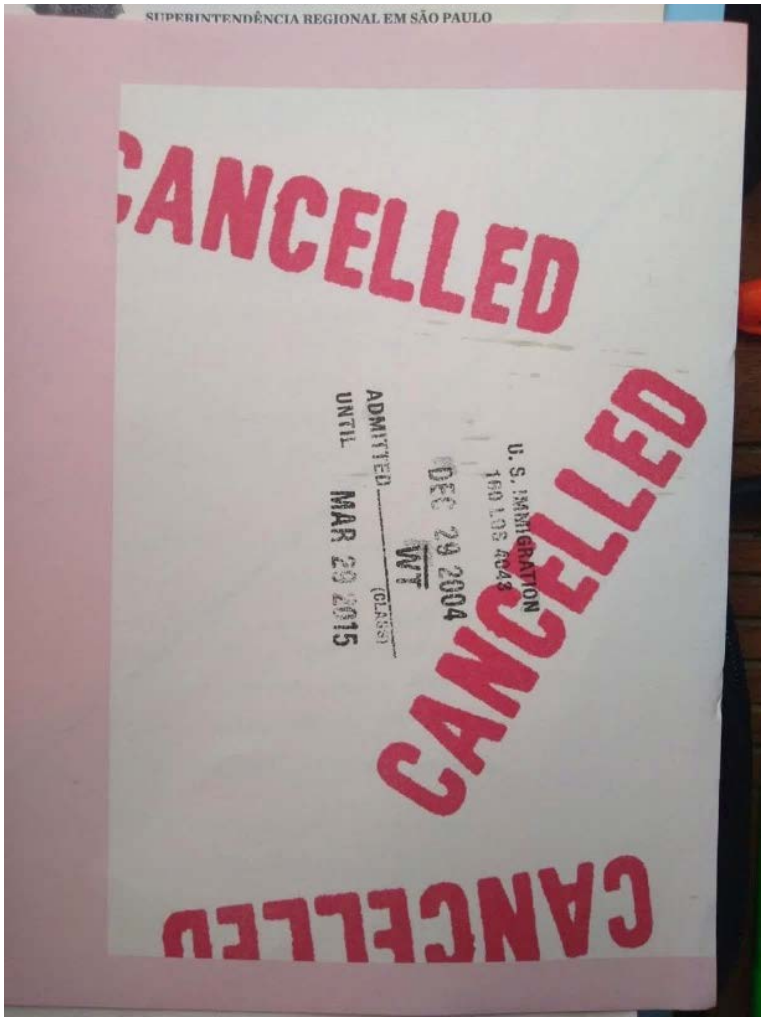
Um e-mail resposta é enviado em 10 de dezembro de 2013 por Hazel Clark afirmando que leu as propostas e caso Mariana vá a Nova York, elas poderão se encontrar no escritório de Mrs. Clark na Parsons. Uma resposta será enviada em 20 de dezembro de 2013 confirmando o encontro com Mariana se comprometendo a levar alguns rascunhos. A narrativa segue com os rascunhos:

Figura 9 – rascunho utilizando a imagem da primeira-dama

Fonte: LÍSIAS, 2016, p. 102.

Logo após o embaraçoso rascunho com a primeira dama americana Michelle Obama em uma colagem com roupas étnicas e uniforme militar, encontramos a seguinte imagem:

Figura 10 – Página com carimbo de cancelamento de visto



Fonte: LÍSIAS, 2016.

Segue-se a essa sequência uma carta com data de 25 de janeiro de 2016 de Mariana a uma tia de nome Maria que mora em Paris. Na carta, Mariana demonstra tristeza em relação ao que vinha acontecendo no Brasil e, por isso, a resolução de procurar a tia: “(parentes em Paris é uma expressão tão linda...)” (LÍSIAS, 2016, p. 104). Mariana aproveita a ocasião para descrever como uma injustiça o que lhe ocorreu e que sua intenção era apenas homenagear a família Obama com seu projeto. É com essa carta que se encerra a narrativa de Mariana Tobias.

A narrativa principal de *Inquérito policial* se encerra com a decisão pelo arquivamento do caso, com a ressalva de que isso seja feito pelo menos na ficção.

Peça *Vou, com meu advogado, depor sobre Delegado Tobias*

Em entrevista, realizada em 2016, pela organização do XV Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC)[19], Ricardo Lísias diz que, durante seu depoimento relacionado ao inquérito sobre a falsificação de documentos, sentiu certa "teatralidade" nas atitudes do delegado e nas de seu advogado. Ressaltou também sua própria incredulidade frente ao absurdo da situação que estava vivenciando. A partir dessa experiência, é que surge a ideia de criar algo relacionado com o que viveu naquele momento na literatura. Como afirma o autor na entrevista:

> [...] naquele momento eu estava muito interessado num tipo de produção artística que eu vinha estudando nos últimos anos que são obras de arte que funcionam e existem só em um determinado período de tempo. São esculturas ou instalações que são destruídas durante a exposição, por exemplo. E algumas obras teatrais que acontecem e nunca são repetidas ao mesmo tempo. E eu fiquei imaginando como isso poderia acontecer relacionada à literatura. Aí eu liguei o caso que eu estava vivendo com o *Delegado Tobias*, com a polícia federal a esse tipo de criação e eu fiz esse trabalho que depende um pouco da relação que a gente tem com o público, como as coisas funcionam. (LÍSIAS, 2016)

A peça teatral "Vou, com meu advogado, depor sobre Delegado Tobias" é, portanto, a dramatização dessa experiência. Ricardo Lísias realizará com a peça uma performance de existência efêmera, ou seja, que não poderia ser repetida. Por esse motivo, a peça seria encenada poucas vezes em conformidade com esse objetivo artístico.

Sendo assim, investigar esse tipo de obra de arte (como Ricardo Lísias define sua peça) é um desafio pois trata-se de um objeto artístico feito para existir apenas no momento de sua performance não existindo outros registros além do material de divulgação à época da encenação e o que foi divulgado por Lísias em algumas entrevistas.

A peça foi encenada pela primeira vez no SESC de Ipiranga com um cenário simples composto de uma mesa e três cadeiras juntamente com um telão e duração aproximada de 20 minutos. Lísias interpretaria a si mesmo enquanto os papéis de delegado e advogado caberiam respectivamente a Alexandre Climachauska e Clayton Mariano (na apresentação do SESC Ipiranga) e por Nicolai Nunes e

[19] A entrevista completa está transcrita nos anexos desta dissertação.

Alexandre Sá (na apresentação realizada na UERJ durante a XV Abralic em setembro de 2016). O cenário da peça era constituído de uma mesa e três cadeiras, Lísias faz uso da intermidialidade ao tentar reproduzir em um telão a visão em primeira pessoa de sua chegada à sede da Polícia Federal. O cenário simples cria uma atmosfera mais íntima e incômoda de forma a reproduzir as sensações percebidas pelo autor durante sua experiência real como depoente.

Figura 11 – Imagem de divulgação da peça "Vou, com meu advogado, depor sobre Delegado Tobias"

Fonte: Divulgação.

Temas na obra de Ricardo Lísias

Ricardo Lísias a partir da obra *Divórcio* passa a descartar a alcunha de autor autoficcional que lhe é conferida por setores da crítica, notadamente *blogs* e cadernos literários de jornais de grande circulação, pois acredita que essa seria uma leitura muito simplista e limitadora de sua obra e que, de certa forma, contaminava a percepção de parte de seu público que se guiaria por esses setores da crítica .

Embora existam elementos autoficcionais nas obras *Céu dos suicidas* e *Divórcio,* para Lísias, a real apreciação de seus livros está na experiência que ela proporciona ao seu leitor. Uma experiência que não deveria ter interferências externas nem da crítica e nem mesmo do próprio autor.

Tendo em vista as críticas que sofreu em virtude dessa visão simplista e limitadora de *Divórcio*, Ricardo Lísias publica na revista *Scriptorium* o ensaio intitulado "Eu sou normal". Nesse "ensaio-protesto", Lísias inicia com a seguinte afirmação categórica: "Nunca me senti atraído pelas possibilidades autobiográficas da literatura". Lísias defende que o valor da literatura está no uso da linguagem e no trabalho de composição que o escritor faz na criação de sua obra e que a trama é um desdobramento da linguagem.

Para tanto, Lísias se apoia em Roland Barthes para estabelecer a diferença entre a primazia do uso do código/linguagem, em detrimento de uma abordagem meramente autobiográfica em sua obra, o trecho de Roland Barthes é o que se segue:

> Tudo isso deve ser considerado como dito por uma personagem de romance – ou melhor, por várias. Pois o imaginário, matéria fatal do romance e labirinto de redentes nos quais se extravia aquele que fala de si mesmo, o imaginário é assumido por várias máscaras (personae), escalonadas segundo a profundidade do palco (e no entanto ninguém por detrás). O livro não escolhe; ele funciona por alternância, avança por lufadas de imaginário simples e de acessos críticos, mas esses mesmos acessos nunca são mais do que efeitos de repercussão; não há imaginário mais puro do que a crítica (de si). A substância deste livro, enfim, é pois totalmente romanesca. A intrusão, no discurso do ensaio, de uma terceira pessoa que não remete entretanto a nenhuma criatura fictícia, marca a necessidade de remodelar os gêneros: que o ensaio confesse ser quase um romance: um romance sem nomes próprios (BARTHES, 1977, p. 129).

Barthes, nessa obra, traz o que Philippe Lejeune definiu como um anti-pacto por excelência[20]. E Lísias utiliza o trecho para corroborar sua afirmação de que uma leitura que apenas considera os aspectos biográficos de uma obra tende a um reducionismo. Lísias discorre então do equívoco que alguns jornalistas cometeram na interpretação de *Divórcio* e como, por meio de boatos, esse equívoco se propagou. Para ele, o equívoco está em acreditar que através da linguagem se criou uma referência segura e direta da realidade.

Lísias afirma que mesmo sua obra tendo borrado as fronteiras entre ficção e realidade boa parte do seu público entendeu que ela é um objeto estético literário e

[20] LEJEUNE, Philippe. **On Autobiography**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989.

que a literatura assume o protagonismo na criação de sentidos. Lísias oferecerá esse objeto estético literário para criar um curto-circuito na imobilidade, mas a construção de sentidos não caberá mais a ele como autor, essa tarefa será exercida pelo leitor.

Lísias também acredita existir outro propósito na propagação dos boatos e polêmicas a respeito de *Divórcio*, que para ele seria o apagamento da discussão política que sua obra propõe no campo da ética do jornalismo cultural. Ao transformar *Divórcio* em apenas um relato pessoal, acarretaria no esvaziamento da discussão principal proposta por Lísias. Em sua concepção, o ato de leitura é pessoal e o arcabouço de vivências, conhecimentos e experiências do leitor o permitem tomar posse do que lê aproveitando mais ou menos o que o texto tem a oferecer.

A crítica de Lísias se voltará para o atual excesso de atenção à figura do autor, o que prejudicaria a leitura da obra e criaria uma situação de dependência do leitor do “autor-palco” que carregaria em si a real interpretação da obra eximindo, dessa maneira, do leitor o trabalho de interpretar. Ele definirá, dessa forma, uma solução para esse quadro que se apresentava prejudicial e que impede a transitividade entre autor-obra-público, para tanto seria necessário:

> Para que a ficção retome seu sentido de força, é necessário retomar o livro-literatura através da mais incontornável posição de autor-autor: o que faço é texto, sendo assim não reproduzo a realidade, mas crio algo novo que, a depender da força da minha criação, intervém em outras instâncias da atividade humana.(2015, p. 96)

Lísias defende em seu posicionamento crítico que a criação de sentido de sua obra não é uma reprodução de sua realidade particular, e que a atribuição de sentido cabe unicamente ao leitor. Essas discussões levantadas nesse “ensaio-protesto” serão exploradas no desenvolvimento do projeto literário Delegado Tobias.

Assim, no referido projeto, a postura de Ricardo Lísias será de oposição à crítica que busca rotular e despolitizar sua obra. *Delegado Tobias* é um folhetim eletrônico que será construído sem os principais marcadores que permitiram a propagação de boatos nas obras anteriores de Ricardo Lísias, a remoção do narrador autodiegético e a construção de uma narrativa fragmentada dentro do que se desenhava como um romance policial, por ser esse um subgênero literário de fácil assimilação, mas o que se constituirá ao final também fugirá às características

próprias desse gênero o que dificulta a classificação da obra. Lísias fará uso dos recursos já citados anteriormente na análise de *Delegado Tobias* para permitir ao seu leitor construir novos significados para a obra.

Lísias utilizará o assassinato do personagem Ricardo Lísias e a consequente investigação e descoberta de um segundo Ricardo Lísias que seria idêntico ao personagem que morreu. Toda a investigação se volta para determinar qual dos dois seria o verdadeiro e quais seriam as motivações para o crime, isso seria uma alegoria para essa busca por parte do leitor por traços do autor em seus personagens homônimos em suas obras anteriores como se essa procura levasse o leitor a correr atrás de um fantasma dentro da obra.

A autoridade policial nessa obra, na figura do delegado Paulo Tobias, seria uma representção alegórica da imprensa especializada que constantemente ignora os traços ficcionais do texto. As testemunhas, apresentadas como críticos conceituados, reiteram que, embora a vítima seja idêntica a Ricardo Lísias, o verdadeiro Lísias era o que se encontrava preso pelo crime o que pouco contribui para a elucidação do caso. Essa representação alegórica do delegado Tobias age da mesma maneira que a imprensa em alguns cadernos literários e sites destinados a revisar obras literária que continuavam a classificar a obra de Lísias como autoficção mesmo que em inúmeras ocasiões e entrevistas o autor tenha se posicionado contra tal classificação.

Em meio à obra, o argumento de que é tudo autoficção aparece diversas vezes de forma quase taxativa, ainda que o que se apresenta na narrativa não teria nexo como tal. *Delegado Tobias,* por ser uma obra multimídia, permite ao leitor uma experiência interativa vista, por exemplo, na criação de um perfil falso do *Delegado Tobias* que passa a interagir e acusar o autor de obstrução pelo uso excessivo do termo autoficção. Inclusive entrando com uma ordem judicial proibindo o autor de utilizar o termo, o uso desse argumento é feito de forma irônica por Lísias que em diversas entrevistas se mostra contra o uso do conceito de autoficção para definir sua obra. Essa ordem judicial presente na publicação do delegado no Facebook e no livro *Delegado Tobias* gerará o processo judicial por falsificação sofrido por Lísias.

Inquérito policial Família Tobias dará continuidade as críticas de Lísias à forma como uma parte da imprensa “especializada” tenta definir sua obra sem a devida atenção aos temas propostos pelo autor, bem como ao absurdo do processo

sofrido por causa de um objeto ficcional criado apenas como um elemento estético. Lísias também criticará em sua obra o cenário político-social do país que estava passando por uma série de crises institucionais e que culminaram no impeachment da presidenta Dilma Rousseff.

Ao criar uma narrativa ficcional envolvendo o processo de quebra do sigilo dos denunciantes do processo, Lísias irá trabalhar em cima dos diversos boatos que circularam à época do processo, incorporando alguns deles às falas de seus personagens. Alguns desses boatos se referem à veracidade do processo sofrido por Lísias e se tudo não seria uma "jogada de marketing" do autor, outros dizem respeito às próprias críticas que Lísias sofreu à época da publicação de *Divórcio*. Lísias irá se apropriar disso e colocará os sócios da editora Lote 42 como os responsáveis pela denúncia e mais: produzirá uma transcrição de diálogo entre esses sócios em que eles afirmam a intenção de fazer a denúncia para promover o livro. O diálogo entre eles reproduzir a maior parte dos boatos que circulavam sobre o autor.

> **2. João:** De jeito nenhum. Temos um contrato, ele tem que fazer. A gente processa ele. Não processaram ele por causa do tal Divórcio?
> **3. Thiago:** Acho que não, é tudo boato.
> **4. Cecilia**: Também ouvi falar.
> **5**. **Thiago**: Tem um monte de boato sobre ele.
> **6. João:** Pois é, a impressão que dá é que ele manipula esses boatos.
> **7. Cecilia**: Para vender livro eu acho que é muito bom. O cara vende muito livro, todo mundo sabe. Esses boatos são ótimos. Eu tenho uma amiga que leu o Delegado Tobias e acha que ele morreu.
> **8. João**: Deve ter um monte de gente achando.
> **9. Cecilia**: Também tem o boato de que ele é nervoso e agressivo. É melhor a gente tomar cuidado.
> **10. Thiago**: Eu acho o Ricardo bastante tranquilo.
> **11. Cecilia**: Será que não foi ele mesmo que inventou que o tal Divórcio foi processado?
> **12. Thiago** Talvez ele tenha aumentado os boatos, mas ouvi de outras pessoas também.
> **13. Cecilia**: É verdade, falam muito mesmo.
> **14. João**: Vai ver que ele nunca foi casado, quanto mais divorciado. Deve ter inventado tudo para vender livro.
> **15. Cecilia**: Quanto perguntam, ele fala que para o livro não interessa.
> **16. Thiago**: Mae ele fala alguma coisa? Ouvi dizer que ele não responde.
> **17. João**: Vamos inventar alguma coisa para o livro que ele vai fazer com a gente também.
> **18. Thiago**: Isso se ele fizer mesmo o livro.
> **19. João**: Vai fazer. Vamos inventar alguma coisa muito bizarra.
> **20. Thiago**: Como assim?
> **21: João**: Vamos denunciar ele.
> **22. Thiago**: A gente? Por causa de boatos? E boato é crime?
> **23. João**: Acho que esses não, não vamos denunciar por isso.
> **24. Cecilia**: Mas como a gente, João? A gente não aparece no Divórcio.
> **25. Thiago**: E do nosso livro ele não desistiu ainda...

> **26. João**: A gente denuncia por alguma outra coisa.
> **27. Cecilia**: Como assim, João? Ele vai saber. E aí que não publica mais.
> **28. João**: Que nada, denúncia criminal é anônima.

Lísias ao se apropriar desse boatos, retira deles o caráter implícito e os expõe claramente com o propósito de esvaziar sua significância. A força desses boatos se encontrava na ideia de que eles estavam expondo o autor e ao colocar seus personagens propositadamente discutindo sobre esses boatos e a participação do autor na propagação desses boatos, Lísias estará de fato expondo o ridículo desse tipo de suposição.

É interessante notar também o paralelismo no caráter conspiratório dessa transcrição de diálogo entre os sócios da Lote 42 com a situação política do país no ano de 2016, quando o áudio do senador Romero Jucá propondo levar o vice-presidente Temer à presidência em um grande acordo nacional foi exposto em rede nacional pelos diversos veículos jornalísticos. Tornou-se também recorrente nos noticiários a divulgação de áudios e conversas em redes sociais como, por exemplo, os mais recentes escândalos trazidos com a divulgação dos diálogos dos procuradores da operação Lava-Jato.

Lísias utilizará seus personagens também para realçar o absurdo e o ridículo do julgamento de sua obra por autoridades que não estariam realmente capacitadas para tal julgamento. Para isso, Lísias fará com que seus personagens, durante as oitivas, façam uma exposição quase didática da separação entre real e do ficcional e do caráter absurdo de toda situação:

> QUE inquirido se denunciou Ricardo Lísias à Justiça Federal, afirmou ter feito isso apenas como personagem do livro que o leitor tem em mãos e não como pessoa física e muito menos representante da editora supracitada; QUER inquirido sobre o que significa dizer que é personagem, alegou que tudo não passa de uma obra de ficção de próprio Ricardo Lísias e que portanto não pode responder à pergunta; QUE inquirido sobre o fato de ser uma pessoa de carne osso e não uma personagem, aqui na Delegacia, alega que é a mesma confusão que sofreu Ricardo Lísias no inquérito que investigou o *e-book* Delegado Tobias; QUE inquirido por que estava rindo, respondeu que não resistiu. (LÍSIAS, 2016, p. 7)

O trecho acima se refere ao termo de declaração de João Cezar Varella, que, embora exista como pessoa real e como sócio da editora Lote 42, deixa claro que realizou a denúncia apenas como um personagem de Ricardo Lísias. Essa informação provoca um estranhamento no delegado José Adélcio Fonseca e Souza

Lima, responsável pela oitiva. Essa confusão será a mesma causada pelas leituras das obras de Ricardo Lísias que não conseguem separar os aspectos biográficos dos ficcionais, o que Lísias busca fazer nessa passagem é demonstrar que em suas obras o que ocorre dentro delas pertence unicamente ao âmbito da ficção.

O autor Ricardo Lísias sempre se mostrou crítico em relação ao posicionamento de uma parcela da elite cultural do país frente ao que estava ocorrendo na América Latina e também no Brasil. Em *Inquérito policial* isso será feito por meio dos personagens João Tobias, Fernando Tobias e Mariana Tobias. Lísias construirá uma elite que apesar das deficiências no domínio da língua (problema apresentado pelos três personagens), busca inserir seu projeto intelectual (João Tobias) se recusando a ouvir os especialistas mais capacitados na área inclusive desdenhando da capacidade deles. Essa mesma elite é também retratada como propagadora de uma visão monolítica e preconceituosa em relação à população pobre do país, disfarçando essa visão na forma de um projeto artístico (Fernando Tobias) e, por fim, como detentora de uma visão equivocada de si mesma e de sua própria ignorância, buscando alternativas fora do país (Mariana Tobias), que projeta nos Estados Unidos e Europa um distanciamento, ou melhor, a possibilidade de desvencilhar-se da coexistência com a realidade brasileira. Os três personagens da família Tobias retratados em *Inquérito policial* buscam no exterior um reconhecimento de suas “genialidades” como artistas não valorizados no Brasil. Seus projetos (exposição, documentário e o curso) não possuem um verdadeiro caráter de preocupação ou verdadeira reflexão crítica da realidade política e social no Brasil ou na América Latina, mas são apenas projetos egocêntricos que visam engrandecer a figura de seus autores.

A narrativa de Lísias dentro desse projeto literário que inclui *e-books*, redes sociais, livro e peça possui elementos formados por uma colagem de episódios que se estenderão por documentos aparentemente efêmeros, que em uma leitura desatenta poderiam parecer desconexos ou confusos, irão compor, em verdade, um quadro emblemático não só de seu autor e seus personagens, mas também da realidade cultural e política de nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado buscou investigar o **projeto literário Delegado Tobias** do autor paulistano Ricardo Tobias norteada pela relação intermidiática entre autor-obra-público. Pretendeu-se dar destaque à transitoriedade desse projeto artístico referenciando os estudos autobiográficos e intermidiáticos e alinhando-se à pesquisa "Discussões e releituras de literatura na contemporaneidade" da professora doutora Maria Cristina Cardoso Ribas.

No primeiro capítulo, apresentamos as razões para a escolha do autor Ricardo Lísias para a discussão das questões relacionadas ao boato, à intermidialidade e à autoficção. Tentamos demonstrar que ao longo de sua trajetória literária o autor foi aprimorando os procedimentos que burlam a fronteira entre o real e a ficção. Partindo da obra *o Céu dos suicidas* (2012) em que temos o narrador Ricardo Lísias envolvido em uma narrativa cujo mote é a morte de seu amigo, e chegando ao polêmico *Divórcio*, observamos como a ironia e o humor vão ganhando destaque em seus textos. Essas reflexões e críticas acabam por levar a um projeto que experimenta de forma mais drástica as relações duvidosas entre o real e o ficcional.

No segundo capítulo, "Autoficção e narrador autodiegético", trouxemos alguns referências teóricos importantes para refletir sobre os procedimentos estéticos e literários utilizados por Ricardo Lísias em suas obras. Foi apresentado o conceito de "espaço literário" de autoria da crítica Leonor Arfuch e o de narrador autodiégético apresentado por Gérard Genette em seu livro *Discurso da narrativa*. Além desses, também utilizamos como referencial o conceito de "pacto autobiográfico" de P. Lejeune e o de autoficção por Diana Kingler.

No capítulo 3, introduzimos as discussões sobre o conceito de intermidialidade a partir da perspectiva de todos os tipos de inter-relação e interação entre mídias (cf. CLÜVER, 2007). Noção essencial para pensar sobre a natureza multimidiática do projeto literário Delegado Tobias, projeto que nasce de um *e-book* em cinco volumes, passa para uma representação teatral e é concluído com o livro *Inquérito policial: Família Tobias*.

Dedicamos, em seguida, a realizar de forma mais detalhada uma descrição e análise da estrutura dos *e-books* de *Delegado Tobias* e do livro *Inquérito policial:*

Família Tobias, finalizando com a peça *Vou, com meu advogado, depor sobre Delegado Tobias*. Finalizamos essa dissertação com uma análise dos temas presentes na obra de Ricardo Lísias e de como eles aparecem em cada uma das obras estudadas aqui.

O **projeto literário Delegado Tobias** marca uma transformação na produção do autor e o início de um engajamento crítico/político que se consolidaria em suas produções futuras como *Diário da cadeia* (Record, 2016), *Diário da catástrofe brasileira: I – transição* (2018) e *Sem título: uma performance contra Sergio Moro* (2018). Essas obras publicadas logo após o projeto literário aqui estudado, coincidem também com um cenário bastante controverso na política brasileira. *Diário da cadeia* também foi alvo de um processo jurídico por parte do deputado (na época preso) Eduardo Cunha, ex-presidente da câmara dos deputados federais, que solicitou a quebra do sigilo referente ao pseudônimo utilizado na obra. Foi essa ação, acatada pela justiça, que levou à público que a verdadeira autoria do livro era do escritor Ricardo Lísias.

O episódio gerou bastante publicidade para a obra e garantiu ao autor assinar sua obra da maneira que bem entendesse. Lembrando que, como exposto nesta dissertação, a obra inicialmente era creditada ao “heterônimo” Fernando Alinde Tobias. Cabe aqui destacar como o autor utiliza de forma inteligente a diferença entre os conceitos de “heterônimo” e “pseudônimo” para problematizar a questão da assinatura da obra.

Ao longo do estudo foi possível constatar a rejeição por parte do autor da avaliação de sua obra como uma narrativa autoficional, por preferir uma abordagem mais voltada para o uso da linguagem em detrimento dos pontos de contato entre o real e o ficcional. Ricardo Lísias é um escritor que pensa criticamente a própria obra, fruto também da sua formação na área já que é mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2001) e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (2005).

Lísias não rejeita a leitura por seu público de suas obras anteriores como autoficção, o que Lísias rejeita é o retorno ao autor para esclarecimentos a respeito do que é real e o que é ficcional na sua obra e as especulações criadas sobre a vida do autor a partir dessa ótica biográfica, que não está partindo propriamente do público e, sim, de uma parcela da mídia especializada.

Dessa forma, a presente dissertação buscou demonstrar a importância da obra de Ricardo Lísias para as discussões contemporâneas tanto sobre a autoficção como as referentes à relação entre literatura e intermidialidade.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ASSIS, Machado. *Crônica*, 14 de novembro de 1864 . Disponível em http://www.cronicas.uerj.br/home/cronicas/machado/rio_de_janeiro/ano1864/14nov64.htm. Aceso em: 20 jan. 2019.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

CLÜVER, Claus. Intermidialidade. *Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA*/UFMG, v. 1, n. 2, 2007.

FAEDRICH, Ana. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Revista Itinerários*, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan./jun. 2015.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa, Vega, [20--].

ISER, Wolfgan. Os atos de fingir o que é fictício no texto ficcional. *In*: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da Literatura em suas fontes***.* 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 2.

ISER, Wolfgan. **O fictício e o imaginário:** perspectivas de uma antropologia literária. Tradução de Johannes Kretschmer, 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KAPFERER, Jean-Noël. **Boatos:** o mais antigo mídia do mundo. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1993.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro:** o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LEITE, Ligia Chiappini M. **O foco narrativo**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÈVY, Pierre. **Inteligência coletiva:** para uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2007.

LIMA, Bruno. **Eu:** itinerário para a autoficção. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

LÍSIAS, Ricardo. **Delegado Tobias** (*e-book*). São Paulo: E-Galáxia: 2014. 5 v.

LÍSIAS, Ricardo. **Divórcio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LÍSIAS, Ricardo. **Inquérito policial:** família Tobias. São Paulo: Lote 42, 2016.

LÍSIAS, Ricardo. **O céu dos suicidas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2012.

LÍSIAS, Ricardo. **Vou, com meu advogado, depor sobre o Delegado Tobias***.* Peça teatral.

LÍSIAS, Ricardo. Eu sou normal. **Scriptorium**, v. 1, n. 1, p. 84-100, 2015.

NOGUEIRA, Luciana Persice. A Autoficção de Serge Doubrovsky: registro das memórias de si. Obra em Si bemol. *In*: ABRALIC, 15.. **Anais...** p. 6150-6158. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491572180.pdf. Acesso em: 24 out. 2018.

RIBAS, Maria Cristina. Olhares de intacta retina: o exercício-do-ver-profundo e a intermidialidade. In: **Interconexões: mídias, saberes e linguagens**. ABRALIC, 2018.
RIBAS, Maria Cristina. Modos de ver, modos de ler, modos de ser: tópicos de transposição midial. *In*: ABRALIC, 15., 2017. **Anais...** p. 2878-2886.

SILVEIRA, Éder; RIBEIRO, Milton. **Ricardo Lísias**: “Há dificuldade de aceitação, no Brasil, do aspecto ideológico da arte”. Disponível em: https://www.sul21.com.br/areazero/2014/08/ricardo-lisias-ha-dificuldade-de-aceitacao-no-brasil-do-aspecto-ideologico-da-arte-2/. Acesso em: 24 out. 2018.
VIEIRA, W. Quando a justiça ganha (d)a (autoficção). **Revista Criação & Crítica**, n. 17, p. 146-166, 22 dez. 2016.

ANEXO A – Imagem da obra *Delegado Tobias que gerou denúncia.* Fonte: Estadão Online.

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL DE SÃO PAULO
SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO
JUÍZO DE PRIMEIRA VARA

PROCESSO	:	PODER JUDICIÁRIO
CLASSE	:	AÇÃO DE OBRIGAÇÃO DE FAZER
AUTOR	:	PAULO TOBIAS
RÉU	:	RICARDO LÍSIAS; EDITORA E-GALÁXIA

DECISÃO

I – PAULO TOBIAS ajuizou ação de obrigação de fazer contra RICARDO LÍSIAS e EDITORA E-GALÁXIA. Aduz, em síntese, que o livro digital "Delegado Tobias" lançado pela segunda ré e da autoria do primeiro réu, faz uso de um caso de sua vida profissional (qual seja o do assassinato do réu RICARDO LÍSIAS) de maneira confusa e sobretudo sem autorização, o que pode causar prejuízo a sua imagem no trabalho e no ambiente profissional. Os réus ainda divulgam tratar-se de autoficção, o que faria com que não apenas o assassinado esteja vivo, como o delegado, morto. Ou melhor: por ser autoficção, o delegado haveria de nunca ter existido.

Requer, em liminar, sejam os réus a) compelidos a cessar as vedas do dito e-book; b) recolher os e-books já vendidos; c) cessar qualquer comentário sobre o caso em tela.

II – Cumpre de início consignar que li o livro em questão, cujo exemplar instrui a petição inicial. De fato, o livro é confuso, de difícil compreensão e ainda faz crer que o autor conduziu seu trabalho como delegado de maneira pouco comum, já que o réu aparece tanto como o assassinado como o assassino, o que faz com que o leitor, sem dúvida, compreenda que o delegado poderia ter confundido um vivo com um morto.
Ademais, o público leitor médio, como tem-se declarado em decisões judiciais conexas, não tem o discernimento suficiente para discernir se está diante de uma obra de ficção ou de mero relato, o que sem dúvida trará incontornável prejuízo à imagem da personagem em tela.

POR ISSO, defiro o pedido de liminar para determinar que

a) Os réus recolham no prazo de cinco dias o livro virtual "Delegado Tobias" de todas as lojas (sob multa de 500 reais por exemplar por dia);
b) Os réus promovam a devolução dos exemplares comprados por parte dos leitores (sob mesma multa);
c) Cesse de imediato o uso do termo "autoficção" (sob pena de multa de 1000 reais por uso).

Intimem-se

Citem-se

São Paulo, 09 de setembro de 2014.

Lucas Valverde do Amaral Roche e Silva
Juiz Federal da 1 Vara da Subseção de São Paulo - SP

ANEXO B - Entrevista com Ricardo Lísias
por Juliana Tomasini, junho de 2016
(Transcrição do vídeo disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=8u2-hVl3e2g)

Os limites da ficção: o caso do folhetim online *Delegado Tobias* (e-glaxia, 2015) e a peça de teatro *Vou, com meu advogado, depor sobre o Delegado Tobias* (2016)

Na verdade, durante o experimento de *Delegado Tobias,* a gente tinha feito um perfil dele no *facebook*. Colocamos uma foto, eu fiz algumas características, a gente acrescentou um montão de gente e durante o experimento o delegado Tobias, esse perfil, ficava discutindo comigo, mandando mensagem, argumentando. E era eu mesmo. Eu me xingava, eu respondia, eu discutia com o delegado e eu fazia os dois papéis. E a gente colocava umas fotos, do delegado Tobias na Livraria Cultura, por exemplo. Aí aparecia um monte de gente que dizia que tinha visto o delegado, que conhecia o delegado que podia ajudar. Os problemas com o MPF se deram tanto com os documentos do *e-book*, quanto os do *facebook*. Mas nós no *e-book* e no facebook , as denúncias que foram feitas os denunciantes não avisaram que se tratavam de uma obra de ficção. Nem os *e-books* nem no facebook. Eles simplesmente recortaram os documentos do trabalho e enviaram só os documentos alegando que eu tinha falsificado aqueles documentos. E aí o MPF fez uma investigação prévia e não percebeu que se tratava de um *e-book* mesmo estando à venda na *apple* na *amazon* há muito tempo, mesmo tendo havido monte de notícias, mesmo o trabalho tendo sido realizado e encerrado e assumido como um trabalho de ficção. O MPF não percebeu um pouco por conta da denúncia que foi feita maldosamente só com os documentos recortados sem avisar nada e um pouco porque eles realmente fizeram uma investigação levemente ociosa, por assim dizer. Mas depois eu esclareci tudo na polícia e o delegado entendeu perfeitamente

Por que uma peça?
Quando eu estava depondo, depondo de fato, no inquérito que eu sofri do meu *e-book Delegado Tobias*, eu notei que ou pelo menos eu senti que em alguns momentos, aquilo parecia meio teatral, assim pelo menos, tanto o delegado, quanto o meu advogado, pareciam os dois estarem representando um papel. E aí foi no meio do depoimento eu pensei, imaginei como se tivesse num teatro. Isso em primeiro lugar, em segundo lugar porque naquele momento eu estava muito interessado num tipo de produção artística que eu vinha estudando nos últimos anos que são obras de arte que funcionam e existem só em um determinado período de tempo. São esculturas ou instalações que são destruídas durante a exposição, por exemplo. E algumas obras teatrais que acontecem e nunca são repetidas ao mesmo tempo. E eu fiquei imaginando como isso poderia acontecer relacionada à literatura. Aí eu liguei o caso que eu estava vivendo com o *Delegado Tobias*, com a polícia federal a esse tipo de criação e eu fiz esse trabalho que depende um pouco da relação que a gente tem com o público, como as coisas funcionam.

De autor a ator: a experiência no SESC e a futura apresentação no encontro da ABRALIC

Não dá para dizer exatamente que eu tenha sido ator. Embora eu tenha estado no palco, o meu papel ali era um pouco ambíguo. Primeiro porque eu representei a mim mesmo, ali naquele momento mesmo de uma apresentação. Havia de fato mais dois atores comigo, um artista plástico que faz um trabalho de performance bastante reconhecido. E havia também um ator profissional que fazia o papel do delegado. Na apresentação da ABRALIC, vai haver outro ator profissional que vai fazer o papel de delegado e vai haver um performer que aliás é diretor do Instituto de Artes da UERJ, que vai fazer o papel do meu advogado. E vai ter eu que vou fazer o papel... que eu não vou fazer o papel, muito embora, como eu disse eu vou estar representando.

“Mil e uma confusões”

A questão mesmo é a relação com a instituição que no caso que eu vivi terminou de maneira positiva. Eu fui absolvido, meu caso foi arquivado com o MPF tendo aceito todas as minhas alegações e se convencido que eu não tinha falsificado documento algum que eu não sou falsificador coisa nenhuma que eu tinha feito uma obra de arte. Por isso também que nesse momento só podia eu mesmo ir lá no palco. Quer dizer, o que mais me restava? Já tinha sido acusado de falsificação de documentos tendo feito um trabalho que era claramente ficcional. Como aliás o promotor disse no momento do arquivamento do caso, que não restava dúvida.

Então, por isso que eu vou lá no palco porque se alguém achar... Não dá para saber muito bem o que as pessoas acham, mas enfim... podem achar que não sou eu. Como sempre acontecem cem mil e um confusões e é muito difícil saber, eu tenho muitas dificuldades nesse momento de pensar, refletir sobre o próprio trabalho que eu faço porque eu nunca acerto muito bem. Eu nunca imaginava que depois de fazer os *e-books* do *Delegado Tobias* eu ia parar na polícia, muito menos acusado de falsificar documentos. E tem gente que até hoje acha que eu inventei a história da polícia também, que eu inventei o depoimento, que eu não fui indiciado mesmo havendo número de processo, mesmo havendo todas as manifestações, mesmo os jornalistas tendo indo procurar na polícia o inquérito, o inquérito existir... tem gente que acha que eu inventei tudo então possivelmente vai ter gente que acha que alguém vai tá lá um ator fazendo o meu papel enquanto eu vou estar em algum lugar na plateia aqui na minha casa vendo pela internet.

ANEXO – Trecho da peça *Vou, com meu advogado, depor sobre o Delegado Tobias*

Revista Ensaia n.2 junho2016 (Disponível em https://www.revistaensaia.com/tobias-lisias)

Com isso na cabeça, comecei a escrever a performance *Vou, com meu advogado, depor sobre o Delegado Tobias*. Apresento aqui as primeiras páginas do meu texto, que foi montado pela primeira vez no SESC Ipiranga, em São Paulo, nos dias 13, 14 e 15 de maio passados.*

**A performance foi dirigida por Janaína Leite e Alexandre dal Farra. O papel de delegado foi representado por Clayton Mariano. Alexandre Climachauska foi o advogado. Eu fui Ricardo Lísias.*

—

CENÁRIO
É uma mesa perpendicular ao palco. O delegado está sentado conferindo algo no computador e nos papeis que tem à frente. Atrás dessa mesa, outra menor, perpendicular à maior (paralela ao palco, portanto) com um espelho à frente. Sentado, o advogado está se arrumando. Na mesa diversos instrumentos de vaidade masculina: creme e aparelho de barbear, bacia de barbear, cortador de unha, perfume, esse tipo de coisa.
Dois microfones de pedestal à frente da mesa do delegado.
ATORES
Delegado: veste uma roupa casual, denotando porém certa tentativa de elegância, mas que não custe muito dinheiro. Está de tênis.

Advogado: o paletó está ao lado ou no espaldar da cadeira. A roupa é muito elegante e bem cortada. Calça um belo sapato.
Eu: eu mesmo.

—

Eu e o delegado ficamos nessa primeira parte com o texto nas mãos. Não devemos esconder do público que estamos lendo, embora alguns trechos possam ser decorados. Todas as rubricas são lidas. No caso, **L** é lido por Lísias (**Eu**, em outros pontos da peça) e **D** vai na voz do delegado.
Na tela, imagens de câmera de celular. Percurso da rua até a frente da delegacia da Lapa. Enquanto a projeção se desenvolve, eu mesmo leio as instruções obrigatórias de segurança.
Depois, converso com o público, contando como era o prédio da polícia federal em São Paulo. (Na minha cópia da peça, devo ter algumas indicações do que dizer, na dos outros não é necessário constar nada).
—
Luz na mesa. Delegado sentado, cadeira de Lísias iluminada como se ele estivesse lá. Advogado em seu espelho e bancada, começando a se paramentar. Lísias, no microfone mais à frente da cena, é o depoente e ao mesmo tempo o narrador numa interlocução direta com a plateia. Atenção, Lísias, olhe sempre para a plateia.
Delegado: É Lísias ou Lisías?
L: *Respondo com segurança. Olho toda a sala com alguma lentidão. Nesse momento, o delegado está me medindo com os olhos, o que não percebo. Vou demorar a notar muita coisa*.
Imagens surgem na tela, manipuladas pelo delegado em seu notebook. (São as imagens do inquérito verdadeiro).
L: *O delegado me espera sentar, abre o inquérito que tem na mesa com algumas dobras na folha, justamente as páginas com as impressões do meu perfil no Facebook. Apontando com o dedo, pergunta*:
Delegado: É esse o seu perfil no Facebook?
Eu: É.
Delegado: Foi o senhor que fez esses documentos?

L: *Confirmo com um gesto altivo. O delegado se vira para digitar, mas suas feições deixam notar que ele percebeu meu orgulho infantil*.
Delegado: O que são esses documentos?
L: *Respondo que são parte do Delegado Tobias, um conjunto de e-books. É o momento em que sinto mais orgulho durante todo o depoimento. Para simbolizar isso, deixo as costas retas e passo as mãos nos braços; gesto besta, mas que não me larga*.
Delegado: Não, não são. São documentos colocados no Facebook.
L: *Mexo-me na cadeira com um pequeno desconcerto e respondo que isso fazia parte do* ***projeto literário chamado Delegado Tobias***.
Imagem em destaque na projeção. Corta. B.O. Fim do prólogo.
Delegado vai para o microfone também.
Lísias aguarda a luz no advogado. Lê só quando a luz subir nele. O advogado continua se paramentando.
L: *Com o canto dos olhos, noto os pés do meu advogado se mexendo. O sapato está muito bem engraxado. Estou de tênis*.
Delegado: Quem é esse Delegado Tobias?
Eu: É a personagem principal de uma obra de ficção que publiquei no ano passado.
Delegado: E como é a história?
Eu: O escritor Ricardo Lísias (...)
Delegado: O senhor?
Eu:É um personagem com o mesmo nome que eu.
Delegado: Continue.
Eu: O escritor Ricardo Lísias é encontrado morto no quarto de um hotel. O Delegado Tobias começa as investigações apreendendo o notebook desse escritor.
Delegado: Certo. Prossiga.
[...]